3.000 Rs.

CONSULADO DE PORTUGAL
SÃO PAULO
PARTICULAR

A Excelentíssima Senhora
Directora do Instituto Nacional
de
Lisboa.

3.000 Rs.

à Bibliotec, de Exemplares por
V. Ex. Rs. Solicito mui respeitosa,
esta "Monographia", simples
contribuição para a Historia de
Direito Brasileiro.

V. Ex.
Rio 1917
Rua Victor Bertuna, 251.

1º

Caderno de Academia

(Minhas Composições Literárias)

Por

José Geraldo S. Pereira

_1942_

Belo. Horizonte.

— Soneto —

A' minha solidão sobem as cantigas
dos pobres... E' Francisco, o jardineiro,
colhendo rosas brancas no canteiro
e recordando as afeições antigas.

Ou é' Suzana, a loura de voz mansa
que vai buscar o campo mais distantes
loura Suzana que não tem amantes
e é' matinal e límpida criança.

A' minha solidão sobem harmonias
desconhecidas, como em embalos... Lembro...
E na saudade do recolhimento,

meu corpo se desfaz nas asas frias
da tarde que nos deu este setembro
tarde que afaga pela voz do vento.

Ao José Geraldo, o
Alphonsus de Guimaraens filho
10-VI-42

Introdução

Tudo no mundo depende do início. Já na criação do mundo, os primeiros entes humanos, por culpa de um pecado, foram castigados e expulsos do paraíso. Deus então, inexorável na sua sentença, povoou o homem-primeiro, de provações, de dores e de lágrimas. Êste legou, às gerações que lhe sucederam, o castigo de seu pecado, de sua desobediência às leis do Onipotente. Hoje há dores no mundo, há inveja, ódio, vingança, temor, no coração dos homens, porque, na aurora da ~~mundo~~ vida, o 1º homem pecou, desobedeceu. Tudo depende do início.

Querendo que êste meu caderno se inicias-se bem, pedí ao poeta Alphonsus de Guimaraens Filho que o abrisse com uma de suas maaníficas poesias. Êle, na sua bondade cativan-

Je, na sua modéstia que eleva, atendeu-me o pedido.

Aí está, na 1ª página dêste caderno, onde escreverei minhas composições literárias, o soneto do poeta que herdou do pai as qualidades de grande simbolista.

Daqui para adiante tudo correrá bem, pois a entrada é bem feita, a porta é de ouro, e todo início que é bom, o fim cê-lo-á também.

Está assim introduzido o 3º caderno de meus escritos, elaborado quando cursava o 1º ano pré-jurídico em Belo-Horizonte.

José Geraldo Pereira
Belo-Horizonte
11-6-942.

1º Caderno de Academia

_1º ano Pré. Jurídico
_Faculdade de Direito
_Belo. Horizonte
_1942_

_X_

Caderno em continuação à serie dos já escritos em diferentes cidades, por

José Geraldo S. Pereira

xxxxxxxx **INDICE** ——————————

(P. significa Poesia)

Nº		Título	Página
1	P.	Soneto (A. Guimarães Filho)	1
2		Introducção	2
3		Indice	5
4		Retôrno ao Passado	6
5	P.	Eu e a natureza	8
6	P.	Divagações	9
7		O grande amor de Lafo	10
8		O balão misterioso	20
9		Aos pés da cama	22
10		O cômico (conto)	26
11		O desastre (conto)	29
12		Sientaiewicz	32
13		Amor que vai e que volta	35
13		Ascenção jornalística	34
14		Tristezas nos meus olhos	38
15	P.	Saudades... só saudades!	40
16		A lição do velho professor	41
17		Belo-Horizonte!	43
18		1as notas na Faculdade	44
19		Coração que se revolta	45

(P. significa Poesia)

Nº		TÍTULO	Página
20	P.	No Harém do Sultão.....	46
21		Badalou as 9, o sino.....	47
22		Amores de Teséia.....	51
23		Selvageria inominável!.....	54
24		Declarada a Guerra!.....	58
25		As horas atuais.....	59
26		Romance sob a chuva.....	60
27		De minha janela.....	64
28		Cruzeiro, a nova moeda.....	65
29	NOVELA	Lucy está demorando.....	66
30		O ano que se findou.....	78

-Fim-

Belo Horizonte, 20-1-943

José Geraldo S. Pereira

Retôrno ao Passado

11-6-942

Cada passo que dava era uma nova sensação que me invadia. Avistei, de longe, os contornos do velho e tradicional prédio da Faculdade de Direito. Com os livros sôbre o braço, andar firme e encorajado, subi a escadaria da Escola. Meu coração como se compreendesse o momento tão emocionante para mim, daquela hora, batia acelerado, descompassadamente.

Indicaram-me a sala de aula; enchi-me de coragem, como se uma fôrça inspiradora me tivesse dominado, e entrei pela 1ª vêz, numa sala de aula acadêmica.

Sentei-me emocionado e assisti as aulas embevecido, ouvindo, como os discípulos de Sócrates, as lições de meus mestres.

Li, depois, os meus novos companheiros de vida, de alegrias e de apreensões,

saindo com alacridade, comentando as lições dos novos preceptores, levando no espírito mais força para a vida, na alma mais luzes para a treva, no coração mais destemor para os combates!

Deixei-me ali ficar, sòzinho, cercado pela tênue claridade vespertina, a diminuir languidamente, como se Deus fosse apagando, de vagar, a luz brilhante do sol...

Pareceu-me então ver, na minha ingênua contemplação, outro professor na sala. Rodeavam-no figuras desconhecidas. Olhos de águia fitos nos olhos do professor, elas foram, pouco a pouco tornando conhecidas minhas. Na cátedra vi Ulpiano Fimentel moço, vivo e retórico, ensinando, iniciando os jovens na vida, espalhando o seu saber aos neófitos da jurisprudência.

Depois a classe se esvaziou e pareceu-me ver entrando novos rapazes, novas inteligências, novas esperanças, guiados por novos mestres, como o grande Epifânio Pinto. Lá fora a cidade se metamorfoseava: decepavam-se matos, erguiam-se casas, abriam-se ruas e avenidas. A sala de aula ia-se envelhecendo, com as carteiras, com o quadro-negro e com as paredes. Mesmo velha, porém, abrigava gente nova, sempre contubernal, sempre amiga.

Francisco Campos sentou-se naqueles bancos; suas mãos pousaram naquelas carteiras; mãos febris de moço, mãos impacientes de estudioso, mãos que escreveriam, depois, grandes preceitos, grandes apotegmas! E foram desfilando as grandes cabeças de Minas e do Brasil: Gustavo Capanema, Ulhoa Cintra, Hilário Casasanta, Carlos Luz, Afonso Pena Jr. Milton Campos, Francisco de Lima, os Mata Machado, Pandoval de Azevedo, Noraldino

Lima, Vilas Boas, etc.

E o exemplo que deixaram é de sacrifício, de estudo, de perseverança, sempre de vitória!

Ali fiquei reconstituindo o passado, vivendo aquelas gloriosas épocas, até ser interrompido pelo bater de portas e janelas. Fechava-se a Faculdade. Desci novamente as escadas, caminhei com passo de forte e de corajoso, olhando aquela casa radiante que agasalhou tanta gente ilustre, e, mais ainda para mim, agasalhou meu pai!

E, a medida que eu caminhava, êle ia cumulando às minhas vistas, indo, porém, se agigantando no meu espírito, e ocupando um lugar de pai num coração de filho!

José Fualdo L. Pereira
Belo Horizonte

Tu e a natureza

Abril de 1942.

Ás rosas, meu amor, já nascem belas
E são a flor mais linda e preferida;
Mas para mim ainda és maior que elas,
Sem seres rosa, és rosa em minha vida...

Os rios que têm margem tão florida,
Nascem de ténues águas bem singelas;
Mas meu amor surgiu, minha querida,
Como turbilhão de ondas em procela!

Tu sabes bem que as árvores nasceram
Da pequenês humilde das sementes,
E grandes para o céu elas cresceram!

Também tu já ~~crescente~~ subiste, e no esplendor,
Ficas sorrindo muda e pouco sentes
Alguém beijar teus pés louco de amor!

José Fualdo L. Pereira
Belo Horizonte

Transcrito em 11-6-942.

Divagações

12.6.942.

Eu fico triste alguma vêz na vida,
Pensando muito no futuro incerto;
Meu pensamento, então, vai para perto
De minha amada e minha preferida.

E quando tudo é dúbio, nada certo,
Recordo o amor que ocupa o coração;
Os meus ardores vêm em profusão,
E para as lutas de amanhã desperto!

Mas tenho medo quando o pensamento
Vai buscar quem amo, esta virginal
Mulher que é anjo do Senhor meu Deus!

Pensar em ti, querida, num momento,
É a amar o Bem mesmo fazendo o Mal,
E ser mendigo e caminhar nos céus!

José Geraldo P. Pereira
Acto. Horizonte

O grande amor de Safo

(Novela de fundo Histórico)

I

Os grandes e louros cabellos de Cleis agitavam-se ás brandas áreas que passavam. As árvores, as casas, os bosques e as montanhas emergiam da fênue cortina vaporosa da manhã, á ascenção brilhante do sol. Os cumes mais altos dos rochedos e das serras appareciam por sôbre nuvens de alabastro, e, á medida que ascendia o astro-rei, elas, aos nossos olhos, davam a impressão de que cresciam para o céu. Assim não o era, na realidade, pois eram as nuvens enfumaçadas que se evaporavam, sumindo no espaço.

A mansão de Safo reflectia os clarões do sol no jardim.
Tudo estava fresco e agradavel. As

folhas e as flores do jardim, borrifadas do orvalho noturno, rebrilhavam, como pequeninos diamantes, sob a luz solar.

— Mamãe! Mamãe! — exclamou com espanto e admiração a pequenina Cleis, — olhe como esta roseira está cheia de rosas vermelhas!

Safo, sorrindo à pergunta da filha desceu a escadinha da varanda e foi ver a descoberta.

— É mesmo, minha querida filha, está sim muito bonita esta roseira, como também você está, pois é uma rosa de inebriante beleza e aroma.

Dizendo isto, tomou Cleis nos braços e a beijou com carinho e doçura, entrando, depois, na casa. Antes de fazê-lo foi novamente interpelada pela filha, que lhe disse:

— Mamãe... eu... eu queria que você fizesse uns versinhos para minha roseira vermelha. Você os fará?

— Sim, sim, Cleis, eu os farei. Agora fique quietinha a brincar com as rosas e os lírios que têm tanta beleza como você, cuja alminha é um lírio de pureza, e cujo ~~alma~~ coração é uma rosa de perfumes.

Cleis, contente com a resposta da mãe, saiu contente como os colibris, a aspirar o mel da vida, no cenário magestoso da natureza.

II

O prestígio da poetisa já se firmara em tôda ilha de Lesbos. Seus lindos versos de amor e de delicadeza, ardentes de paixão, cruzavam de boca em boca dos habitantes de Mitilene. Acompanhavam-se, com interêsse, a rivalidade dela com Alceu. Êste havia dirigido a Safo versos de fina e meiga ironia, ao que ela respondera no mesmo tom.

Mais ao menos ao meio dia, hora

dolente em que o sono e a moleza dominavam o corpo, saía Safo de sua residência, dirigindo-se à escola feminina que fundara. Nela, reuniam-se moças que tinham propensão para as artes; discutiam-se assuntos de literatura, de música e celebrava-se o culto da deusa Afrodite.

Na volta Safo circundava a muralha do mar. Nesta hora passavam os moradores da ilha, apressados e contentes ao retornarem às suas casas. Descia lentamente a tarde. O mar, brando e repousado, refletia os últimos e lânguidos raios do sol, que desfalecia no horizonte de púrpura. Ao passar uma dragem mais forte, o mar enrugava-se todo, correndo as ondas como se ele sentisse um calafrio no dorso. Cabanas transitavam com cântaros sôbre a cabeça. Os trovadores populares cantavam suas melodias ao som de seus instrumentos, sentados na muralha de pedra. Suas cantigas perdiam-se no espaço, indo talvez, se repultar nas ondas do oceano.

Aproximando uma pequenina ponte, Safo notou, sôbre um bote amarrado na margem, um rapaz que, com a cabeça descansada na borda da canoa, tirava acordes maviosos de um instrumento semelhante ao nosso bandolim.

Descia a poetisa uma ladeira e, escondida atrás de um moitão, ficou ouvindo a cantiga que êle interpretava. Era curiosa e triste: narrava a história de um amor infeliz de um pescador por uma pastôra, a qual, pesarosa por não corresponder sua paixão, por ser esposa de um outro, morrera amargurada aos desígnios do destino.

Notando Safo que o observava, o bar-

queiro virou-se envergonhado.
— Oh! não! Continue a cantar meu caro barqueiro. Estava apreciando muito sua bela voz.
— Perdão, senhora, eu... não sabia que estava aí. Mas... a gente canta nas horas de descanso, replicou, embaraçado, o moço. A senhora quer ser transportada para terra?
— Não, não, disse Laís, não se incomode. Obrigada e adeus.
O moço acompanhou-a até a próxima rua, com os olhos, vendo-a voltar para si e o fitar demoradamente.
O rapaz, que se chamava Tam, era belo. Os cabelos louros e desalinhados, os olhos grandes e azuis, a boca pequena e rósea, davam-lhe mesmo, traços de uma rara formosura. Exercia êle a profissão de barqueiro, transportando gente para a outra margem.

Era quasi noite quando chegou Laís em sua casa. A terra achava-se mergulhada no fusco-fusco vespertino, e sua fênue claridade diminuia vagarosamente. Iniciara-se o concêrto dos sapos, trovadores desafinados. E Ulitileia dobrava a cabeça, cansada e sonolenta e, rodeada totalmente pela pequena claridade lunar, adormecia pìlezaciosamente.

III

Durante a noite, a imagem do barqueiro povoou os sonhos de Laís. Recordava ela sobressaltada e adormecia novamente. Pesavam-lhe as pálpebras, doía-lhe a cabeça. Voltava-lhe, de novo, nos sonhos, a visão do rapaz. E via, mesmo querendo esquecer, aqueles cabelos louros, aqueles olhos azuis, ouvindo a mesma voz triste, a mesma canção de amor. Viveu, até o amanhecer,

aquela visão, e sentiu durante tôda a noite, o barqueiro perto de si, fúnebre e confuso, mas belo, muito belo!

. . . . . .

De manhã foi acordada pelo marido:

— Então, já é dia feito, sua preguiçosa. Vamos, levante-se.

Safo espreguiçou-se voluptuosamente sob as cobertas, e, recordando-se dos sonhos que tivera, estremeceu ligeiramente. Pulou da cama, pensando, talvez, nas obrigações do dia. Horas depois dirigiu-se ao caramanchão onde costumava trabalhar na confecção de seu livro "Epitalâmios".

A cidade agitava-se barulhentamente lá fora. No mar cruzavam ~~na~~ barcas de velas brancas e de remo, fazendo o comércio, ou transportando gente. Mitilene é a capital e o principal porto da ilha de Lesbos. Separa-se da costa da Anatolia, defronte do golfo de Edremid, pelo canal de Mousselim. Nos dias de hoje, atracam nela navios de diversas nações, em busca de suas oliveiras, figos, vinhos, além de seus conhecidos gados. Ouça ela a costa oriental da ilha, e, apesar de seu clima relativamente seco, algumas vêzes temperado, produz, como vimos, produtos importantes.

Mitilene foi, como tôda a ilha de Lesbos, durante muito tempo, ocupada por diferentes povos de diferentes nações, como se fosse um centro cosmopolita.

Ocuparam-na os macedônios, os romanos, o império grego, sendo doada, em 1355, aos genoveses, mais tarde, porém, tomada pelos turcos, isto em 1462.

Faon lá estava trabalhando, exercendo, como os Cristóvãos, a profissão de condutor de homens para a terra, diferenciando-

se do canto por fazer, do transporte, um meio de vida, ao contrário do grande canto hercúleo, que o fazia altruisticamente, impulsionado por seu bonissimo coração, cheio de amor pelo próximo.

Morava Faon, com a mãe e uma irmã, na parte sul da cidade, parte que era a mais triste, longe do barulho das orgias e dos prazeres lesbios, reinantes em quasi toda cidade. O povo vivia imiscuído em festas sensuais, em festins afrodisíacos, em banquetes e danças voluptuosas. Lá se entregava-se a essas festas luxuriantes, e, no meio delas, não era a mesma delicada e maternal poetisa; rodopiava entre os seus admiradores, exibia seu corpo aos olhos ávidos e injetados de prazeres dos homens, era, enfim, uma cortezã do vício lesbio. Acredita-se que difundia, entre suas alunas, a homossexualidade.

Naquele dia procurou viver e sentir horas mais alegres e doidivanas. Levava o pensamento para outros homens, outras regiões e preocupações: a imagem do barqueiro Faon não a abandonou, porém. Seu coração já o queria, seu corpo o chamava!

À tarde novamente o viu. A mesma canoa, os mesmos olhos e os mesmos cabelos. A mesma beleza radiante do barqueiro mais a dominou.

Êste não a viu; prosseguia sempre trabalhando, alheio ao que se passava em seu redor. Seu coração virginal mal percebia que outro coração o amava, outros olhos o fitavam.

Era como o poeta que adorava deusas quimércias, consagra seu amor à virgens presentes na sua sensitiva imaginação. Se a virgem existisse realmente, bela como as ardentes descrições do poeta, meiga como os versos de amor, irradiante de formo-

sura que se confundia com a tímida aurora, nunca euforia que alguém a amara. Longe dos olhos, diz o ditado, longe do coração...

O mesmo delírio de amor, as mesmas visões povoaram os sonhos de Safo, durante a noite.

Na casa onde morava, numa canto de Mitilene, um coração se debatia nas garras abrasadoras de uma paixão, prostava-se vencido à imagem de uma deste que o dominou, enegrecia-se de trevas e de desejos. Noutro lado, abrigado numa modesta habitação de pescadores, rodeado pelo silêncio da noite, o coração de um homem, pulsava calmamente. O semblante de Faon traduzia serenidade e paz, pois estava livre do domínio do amor.

Num lado Cupido guardava e limpava as flexas tintas do sangue de Safo, noutro lado as deusas vestais guardavam o sono de uma feliz, protegiam um coração tranquilo.

IV

— Ufa mãe, exclamou Cleis, sentada na relva de um canteiro, porque você fica assim, nestes dias, pensativa e triste?

Como se lhe acordasse de um sonho, Safo virou-se sobressaltada para a filha.

— Não é nada, minha filha, estou simplesmente pensando.

A garotinha franziu os sombrolhos, contrariada com a calmaurrice misteriosa da mãe.

"Enfim, pensou, creio que não é nada, vou ver a roseira".

Levantou-se também Safo, em direção de um bosquezinho ao lado da casa. Um caminhozinho, cercado de crisantemos e camaleões, levava a um quiosque, no centro de uma clareira. Alí, nos tempos e dias estivais, costumava ela fazer as refeições com

Fortkilos, seu marido, e sua filha. Estes dias, para Cleis, eram maravilhosos. Cercados pelo inebriante perfume das flores, ouvindo o cantar maviroso dos rouxinois, passavam horas de indizível prazer. Ali, também, Safo, algumas vêzes, fazia versos.

Tinha alguma coisa em mente, pois tomou da pena e do papel, traçando nele linhas de alguma poesia. Seus olhares estavam distantes daquele cenário: viam o barqueiro cantando, viam o mar azul, e ouviam aquela canção, olhava aqueles olhos.

E foi escrevendo ardentes versos de amor, suaves queixas, sentidas confissões.

Levou-os quando foi à escola. Ao retornar, divisou Faon vindo em sentido contrário ao seu. Bateu-lhe apressado o coração. Escondeu-se numa loja e esperou que êle se dirigisse ao barco. Desceu a pequena ladeira, aproximando-se dele. Sentindo todo o sangue na cabeça, a face quente e vermelha, deixou cair êle o papel dobrado, caído precipitadamente.

O resto do dia e a noite, passou-os numa febril impaciência.

No dia seguinte viu-o descendo uma rua. Foi ao seu encontro, esperando ouvir dele uma resposta aos versos que lhe fizera. Olhos fitos nos dela, trêmula e inquieta, esperou.

Êle passou reto a si, sem se voltar, indiferente à presença dela, e caminhou para frente.

Safo sentiu-se desfalecer, asfixiada por uma intensa emoção, e apoiou-se na balaustrada da rua. E adormeceu, com os olhos marejados de lágrimas, o rosto varonil de Faon, que sumia.

Deixou-se cair, em sua casa, na poltrona, olhos lânguidos e amorte-

cidos, coração como que parado, apá-
tica ao mundo, a cabeça vazia,
tudo vasio, tudo indiferente, tudo
silencioso...

V

O culto de Safo pulria o rochedo
de Leucade. Parecia outro: os olhos
perderam aquela expressão viva
de meiguice, algumas vêzes de
volúpia. Estavam abertos e fixos
na frente, como se vissem uma ente
sobrenatural, um horizonte fantas-
magórico. Belíssima paisagem
oferecia o Salto de Leucade? Safo,
porém, não o percebia, e caminhava
sempre, somnambulamente.

O Salto de Leucade, também chamado de Santa Maura, situa-se na ilha de Leucade, uma das ilhas jónias, próxima à costa.

A poetisa da mélica monódica prosseguia caminho em direção do templo de Apolo. Minutos depois atingiu apontou êle no alto do rochedo, dominando a região. Era constituído de colunatas e pilares côncavos. Defronte de sua entrada, erguia-se uma colunata que, nos grandes santuários, envolve completamente o templo. Via-se nele um belo entablamento de mármore, composto de arquitrave, friso esculpido, cornija e cabeiras pintadas ou esculpidas.

Dêste templo de Apolo eram precipitados, antigamente, os condenados à morte. Parecia, portanto, que aquelas regiões ecoavam lugubremente os gritos dolorosos dos condenados, precipitando-se no abismo.

Para lá se dirigia Safo. Levava no espírito o desespêro do seu amor não correspondido. Transportava, no coração, o peso do indiferentismo do homem a quem dedicou seu amor, ofereceu seu corpo e sua alma, dedicou versos apai-

rosados e tumultuosos.

Caminhava serenamente, deixando que o vento bolinçasse seus longos e sedosos cabelos.

Tudo estava silencioso. Penetrou no templo, rendendo graças e culto a Apolo, o deus do dia, da poesia, da música e das artes.

Depois saiu. Caminhou vagarosamente em direção ao abismo. Avistou lá em baixo, bem em baixo, o mar, naquela hora tumultuoso. Uma mataria, em sua margem direita, parecia, aos olhos dela, a renda, a franja de uma imensa toalha azul.

Olhou para cima. Estava lindo e também azul o céu, com algumas variadas nuvens brancas. Umas delas formavam figuras. De repente Safo estremeceu e olhou firmemente um ponto do céu: nas linhas mal ~~tra~~ corretas de uma grande nuvem, ela julgou ver, perfeitamente, a figura de Faon. Lá está a figura varonil de seu amado; os olhos lindos, azuis, os cabelos louros; a barca a seus pés, o bandolim em suas mãos.

Encheu-se de lágrimas os olhos de Safo. Mais uma vez olha ela o mar e o céu, vira-se para a cidade, bem longe e cheia de casinhas brancas, e, num impulso maior, joga-se no espaço! Seu corpo, em alguns momentos, é visto rolando no abismo! Depois some lá nas profundezas misteriosas do desconhecido; e Safo desaparece, levando consigo um coração partido de tanto amar, os olhos vermelhos de tanto chorar!

A cidade, naquele momento, acordava. Suicia-se o movimento nas ruas. No mar as canoas começam a deslizar. Faon canta trabalhando. Seus remos se mergulham nas águas do oceano, e êle não sabe que Safo morreu. Prossegue seu destino, continua sua rota; a sua vida não mudará. É o

mesmo: os seus olhos ainda são azuis, os cabelos são louros e a boca rósea. É o mesmo Faon de Safo: cantando barcarolas de amores infelizes, tocando bandolim, o mesmo, sempre belo, imensamente belo!...

— Fim —

José Geraldo S. Pereira Jr
Belo-Horizonte
17-6-942

O Balão misterioso

16-6-942

Desceu das nuvens, levemente enegrecidas, um grande e colorido balão. Misterioso foi a sua aparição, incógnita a sua origem. O fato é que o ar-mos, cheio de côres, reverberando a luz de prata do luar. E dominou o espaço com sua forma multicolor, parecendo um astro chamejante descendo para a terra, rodeado de estrelas a brilhar como pequeninos diamantes.

Estava silenciosa a serra, misteriosamente silenciosa. Os nossos olhos surprezos fitavam o grande balão a descer.

Ninguém falava; silenciaram-se os foguetes, calou-se a meninada que brincava alegremente, olhando também para o céu. Os violões descansaram nas paredes, os pares que dansavam se separaram. As batatas e as cangicas ficaram abandonadas sôbre o fogo crepitante.

Bem no alto descia o balão misterioso. De repente fêz-se barulho, como se mil trovões ribombassem conjuntamente! Estremeceram-se as casas e as árvores balançaram. As lenhas das fogueiras separaram-se, apagando o fogo, mergulhando o terreiro na pequena claridade lunar. Todos os olhos, desmesuradamente abertos, percorreram, hipnotizados, o céu estrelejado.

Silvaram balas, cortando o espaço como achas fumegantes.

Canhões vomitaram fogo, metralhadoras despejaram balas. O balão estremeceu no alto, tombando pela direita e pela esquerda.

O barulho tornou-se infernal; as mulheres gritaram, choraram as crianças, empalideciam os velhos. Era a guerra, era a morte!

De repente vimos o balão atingido por uma bala, e, momentos depois, descia em chamas, em pedaços que dispersavam pelo espaço. Os tubos após caíram, sôbre a terra, suas cinzas enegrecidas.

Depois disto ficámos a meditar, a pensar naqueles fatos misteriosos. E compreendemos, então, que aquele balão, grande e colorido, era a Felicidade, era a Paz, a Tranquilidade que Deus queria dar aos homens na noite de São João, e que êles, no seu egoísmo, na sua crueldade e desumanidade, não quiseram aceitar, e o queimaram, o destruiram, a repudiaram no céu cheio de estrêlas!

José Geraldo F. Pereira
Belo-Horizonte

Aos pés da cama

26.6.942

Lucinda raciocinava nervosamente, sentada na beira da cama. Ali estava há já muito tempo: o vestido azul de baile pôbre o corpo, a luz acêsa, o relógio a bater compassadamente, fazendo caminhar os ponteiros. De vêz em quando ela ouvia o batido sonoro do artístico relógio pôbre o guarda roupa; primeiramente ouvia as 12 badaladas, depois uma sòmente, logo, em seguida, mais uma, e esperava a última batida única, quando marcasse o relógio 1,30 da madrugada. Seu rosto ainda transparecia uma forte e visível perturbação, pois estava levemente empalidecido. Vinha de um luxuoso baile na casa de uma riquíssima amiga que ia anunciar seu noivado. O noivo era oficial

da marinha; moço bonito, inteligente e, principalmente, forte e alegre. Causava mesmo inveja e fazia bater, mais acelerado, o coração das mulheres.

Vamos supor que se tivesse inventado um aparelho ultra-sensível, que pudesse captar as ondas do pensamentos alheios. Continuando sempre a supor, colocamos o aparelho na alcova da linda e virginal Lucinda. Ligamos os botões elétricos e escutemos o que pensava Lucinda:

"Virgem Santíssima! Como são os homens de hoje! Ora, é mesmo lastimável! Ante-lê sorridente, irradiando alegria, orgulho e vaidade por seus olhos, me chama e me apresenta ao Roberto, seu noivo já declarado, antes, entre palmas e felicitações. Até aí nada de mais; muito sensato, muito lógico e racional. O rapaz convida-me a dançar. Muito bem, tudo certo; conversamos como amigos recem-conhecidos; pergunta novamente meu nome, pois o não entendera à apresentação, pergunta-me se jogo tenis, se frequento o Flutuante Clube, etc, etc. Termina a valsa. Estamos num canto do salão. Inicia-se outra música, e, como ainda estamos conversando, pede-me, mais em cerimónia e com mais calor, que dansasse com êle novamente. Ora, nada de mais; a noiva estava numa mesa com o futuro sogro, não pudera se levantar e vir ficar com o oficial; êste convida-me para repetir a dansa, acedí, pois sou educada e... confesso mesmo, sou vaidosa e gosto de dansar com rapazes bonitos e inteligentes... Ficámos, pois, a dansar; a valsa era bonita e dolente, própria para romances de amor. O rapaz aperta-me bastante de encontro

ao seu peito. Sua mão quasi me toca o seio. Sinto subir um fogo à minha cabeça, meu coração precipita-se, respiro com emoção. O garboso oficial elogia minha beleza: "sua pele é alva como cisne, Lucinda; você é linda, gosto de seus olhos assim negros, gosto de seus cabelos flácidos e macios."

Comecei a me inquietar com o negócio: ele era noivo declarado, eu amiga de Anete, sua convidada. Procuro desviar a conversa para ela, mas o rapaz, creio eu, muito teimoso, não dá importância e continúa a me apertar. Sinto, num momento, os olhos, curiosos e nervosos de Anete, fitos em mim e nêle. Num momento, ao fazermos uma volta, seguindo o compasso da valsa, senti sua testa tocar minha face e procurar prender-se nela. Ora, pensei eu, isto já é de mais, o rapaz é mesmo sabido, é mesmo insinuante! Desprendi meu rosto de sua testa, mas, (Virgem Maria, como sou eu!...) continuei a me deixar apertada contra seu peito. Inebriada com o perfume que dele emanava, sentindo a cabeça atordoada pelos mil desejos, meus lábios rubros e entumecidos, deixo-me levar a um jardim, no fundo da sala. O oficial, com arrebatamento e com doçura ao mesmo tempo, toma-me em seus braços e, sôfregamente, procura meus lábios e os beija violentamente. Virgem do céu, como fiquei! Pareceu-me faltar as forças; tombei a cabeça sôbre seu ombro, enquanto êle me estreitava, afogueado, chamando-me pelo nome: "Lucinda querida! Lucinda meu amor! Eu a amo, eu a amo! Quero-a, só a si; amo-a como minha própria vida! Beije-me, beije-me!"

Fiquei gelada,

quasi tombei desfalecida, ao abrir os olhos e ver Anete, no meio da porta, nos fitando, com terror, com espanto! Coisa de um minuto, via a cambalear e cair sôbre o chão. O noivo desprende-se de mim, corre, aflito, a ela, Chega ceste assustada. Surpreza, espanto, perguntas - nisso se transformou a casa. Aproveito a confusão e fujo. Tomo um carro e, durante o trajeto da casa de Anete até aqui, fico como extasiada, aérea a tudo, rodando-me a cabeça ao leo.

Sim senhor, como são os homens! Oh! senhor, e eu, também, como sou leviana! Como são as mulheres!... Que encrenca! Que massada! Que tragédia, meu Deus! Pobre da Anete; pobre de mim!

Bem, não adianta nada, agora é que noto o avanço das horas: 2 e meia da madrugada, e eu ainda de vestido de baile! Ceús, que massada!...

Fim... sim, corramos a tirar de lá o aparelho, pois Lucinda levantou-se apressada e, entre bocejos, começou a tirar o lindo vestido azul. Nós, como não somos indiscretos, deixemos para as paredes, para os armários e para o relógio, o prazer inebriante da visão de seu corpo virginal. E, desviando o pensamento para outras coisas menos belas, vamos tratar de nossa vida, e.. Adeus.

José Gualdo Pereira
Belo Horizonte

O Cômico (conto)

27-6-942.

Ser comediante em teatros, quando se tem a alma dorida, é ser martir, é ser sofredor também num teatro, mas no teatro da vida. A alma chora, a boca ri; enquanto uma chaga, aberta, verte sangue, os olhos riem como se sentissem felizes. Não me recordo bem do nome de um desses comediantes, o caso é que me lembro de sua historia, ou melhor, do episódio interessante, ao mesmo tempo trágico de sua vida. Isto é quanto basta; não se recordando de orações ou de novenas, olha-se com fé a imagem de Cristo ou do santo, e o fiel sentirá todo seu pedido e todo seu desejo transparecer por seus olhos. A graça será atendida. Assim são os contos, são as lições relevantes da vida: não se citam os nomes, não se procuram as ori-

gens, porém escrevem-se os episódios, descrevem-se os fatos com veracidade, com parcialidade. Quando chupamos uma laranja, não vamos, siquer, analizar sua origem, de em que terra ela medrou, em que casa ela ficou. O comediante já citado, sei disto com certeza, era bom sujeito, apesar de sua péssima origem. Casara-se. É o que fazem, infelizmente, os pobres, quando amam. A esposa era bela; rústica e sem cultura, porém bonita, muito bonita. O comediante amou-a e casou-se. Como era pobre, sem profissão ou parentes bem colocados, integrou-se numa pequena companhia teatral. Durante anos rodaram cidades, percorreram vilas. A mulher o acompanhava sempre. Numa dessas cidades teve um filho. Aumentaram-lhes a alegria, contudo, diminuiram-lhes os recursos e a dificuldade de embaraçus tou por sua casa a dentro. Na "troupe" em que êle trabalhava, havia um intérprete forte e bonito que, geralmente, fazia os papeis de galã. Um dia propôs ao diretor da cia. que contratasse a esposa do cômico para os papeis românticos. A nova, para o cômico, foi magnífica, e acedeu prontamente. Infeliz, porém! O artista principal, nas representações, abusava das circunstâncias e, fingindo ser da cena, apertava a mulher nos braços e a beijava com furor. O comediante tudo via com o coração dilacerado. As cenas repetiam-se iterativamente.

Uma noite, em que representava, o comediante notou que sua esposa se afastara com o artista romântico. Encheu-se de uma febril impaciência, desejando que seu papel terminasse. Mas os minutos corriam e o coração dele acelerava-se febrilmente. Turbilhavam em seu espírito mil pensamen-

tos, mil hipóteses e apreensões. Chegou a tal ponto que não soffreu sua impaciência e saiu, precipitadamente, do palco, entre o espanto e o murmúrio da platéia. Correu, como desvairado, à sua casa. Não encontrou a mulher. Veiu-lhe à mente uma terrível dúvida, e correu ao quarto do companheiro de teatro. Abriu a porta inesperadamente, e viu a esposa nos braços do outro. Uma lâmina rebrilhou no ar e penetrou, como um raio, no corpo do usurpador. A mulher, como louca, cadavèricamente, ~~tombou desmaiada~~ pallida, recuou horrorizada, vendo nos olhos, desmesuradamente abertos do marido, a intenção fatídica do assassínio.

— Misericórdia! Piedade, Augusto! Por amor de Deus!... Por a...

A faca interrompeu sua súplica. E o cómico, correndo e fazendo gestos de alienado, de desvairado, correu para o palco, respingando sangue. Lá, ás gargalhadas curiosas, fazia o público rir barulhentamente, pensando que aquillo era da cêna, elogiando, no íntimo, o trabalho daquelle cómico, daquelle infeliz artista.

———

José Gualdo Pereira
B. Horizonte.

O desastre

28.6.942

Deliciosamente parado, o lago refletia os brilhantes raios do sol, quasi, nesta hora, desaparecido atrás de um rochedo. Sentia-se o beijo delicado do vento perpassando em nosso corpo, e êle, também, na sua corrida refrescante, fazia estremecer as fôlhas e os galhos das árvores. O horizonte, colorido de púrpura, oferecia, aos olhos de todos, uma visão soberba de sua magnificência, de sua extasiante e contemplativa beleza.

— Aprecie, querido Luiz, a beleza dêste entardecer. E vão lá dizer que existe, na Europa, ou noutra parte do mundo, paisagens tão bonitas como as de Minas Gerais!...

— Sim... sim Laura, muito belo, muito belo, na verdade!

Laura, entregada com a contemplação, deixou cair a cabeça nos ombros de Luiz, que, retribuindo a carícia, passou o braço em volta de sua cintura.

— Laura, exclamou Luiz, creio que é hora de voltarmos à terra, pois a noite já desce ràpidamente. Vamos?

— Como você quiser, meu querido. Ficaria aqui, se preciso fosse, tôda a noite, contanto que você estivesse comigo.

— Obrigado. Eu adoro Laura, perdidamente a amo...

O remo, momentos depois, cultava as águas calmas da Lagoa Santa. Luiz residia na cidade e Laura numa fazenda, alguns quilômetros longe da capital mineira.

Depois que o barco atracou, desceram alèoremente os dois, rumando-se ao automóvel, metros além. Instantes após, as rodas do carro deslizavam pela larga e plana estrada. Os cabelos da noiva de Luiz, voluteavam-se maciamente aos ventos que vinham rápidos. O automóvel corria muito, deixando atrás grossas nuvens de pó. Os postes, as árvores e os vales iam como querendo vir de encontro aos êles, passando como raios e ficando para trás.

— Oh! Luiz, cuidado! Está muito depressa!... exclamou rindo a linda moça.

— Não tem perigo, meu amor. A estrada está muito boa.

O forte braço do rapaz puxou, para si, a noiva, acariciando-lhe o ombro e os cabelos. Com a outra mão guiava o auto.

Sentindo-se imensamente amada, e amando também, Laura, num dêsses momentos de transporte do coração feminino, segurou a mão

do noivo, beijando-a e a acarinhando com o rosto.

Em grande velocidade, aproximou-se, vindo em direção contrária, um caminhão lotado de mercadorias.

Luiz notou, numa fração de segundo, que seu carro iá de encontro ao pesado caminhão. Seu coração precipitou-se e suas veias latejaram. Laura, com os olhos cerrados, acariciava a mão do noivo. Este, vendo que sua mão esquerda seria incapaz de desviar o carro, puxou o braço da cintura de Laura. Esta, porém, prendeu-o com mais amor, roçando nele, sua fina e delicada pele.

A mão esquerda do rapaz rodou, com tôda violência e fôrça, o guidão do automóvel, tentando desprender a outra, das mãos da noiva.

Era tarde. As rodas de seu carro não desviaram o necessário, batendo o paralama esquerdo na frente do caminhão. Com o impulso da grande velocidade, o auto caminhou alguns metros sôbre duas rodas, derrapando, porém, e indo precipitar-se numa pequena lagoa, rodando no espaço!

Ouviu-se, na rapidez trágica do desastre, um agudo e rouco grito de mulher, que cessou, misturado talvez, com o barulho do carro que rodava na rampa! O caminhão parou além, e seus tripulantes, lívidos e horrorizados, desceram e viram alguns metros abaixo, o carro desmantelado e soltando fumaças, buzinando continuamente. E o rapaz levava, com a morte, o beijo e a carícia da face de sua noiva em sua mão.

A noiva, transportou consigo o

a felicidade e o amor que lhe enchiam o coração.
Descera, de todo, o manto acizentado da noite.

x x x

José Geraldo Bonis
Belo Horizonte

— Sienkiewicz, a alma da Polônia! —

2.7.942.

Se há país no mundo que, por diversas razões, cai profundamente na nossa simpatia, emaranhando-se nas raizes dos nossos diversos sentimentos que ocupam o coração, êste país é a Polônia! Não só a bravura dos polacos, o exemplo de religiosidade dos seus campônios rústicos, a perseverença, o heroísmo daquele povo sofredor, não só a sublime lição de patriotismo de seus grandes chefes militares: Czarniecki, Wolodowski, Billewicz, Korbecki, João Casimiro, etc, mas principalmente, a paciência, a magnífica conformação, e também reação patriótica dos polacos, às inúmeras invasões de inúmeros povos, de seu território! Só quem conhece a história dêste país da Europa Central, pode fa-

ger um juízo e avaliar o sofrimento, o martírio daquele glorioso povo, debaixo do jugo tirânico e impiedoso dos outros povos vizinhos! Suas aldeias devastadas, incendiadas, pilhadas, a violação sacrílega das igrejas, o desvirtuamento das donzelas, a morte gloriosa de milhares de soldados, camponeses, nobres, príncipes, irmanados na mesma causa, a destruição das cidades, tudo isto faz da Polônia uma terra sofredora, martir, mas, aos olhos da Justiça, de Deus e da Razão, uma terra gloriosa, sublime, elacional!

Um poeta que eu admiro, leio e estimo, é Henrique Sienkiewicz, grande e universal escritor. Este patriota escreveu inúmeras e valiosas obras, admiradas e lidas no mundo inteiro. Seus romances patrióticos, de valentia e de emoção, constituem, mesmo, o ~~ad~~ credo patriótico dos polacos. O autor de "Quo vadis?", romance católico conhecidíssimo no mundo, escreveu um romance histórico cheio de narrações bélicas, emocionantes, descrições empolgantes, enrêdo interessantíssimo: "O dilúvio", livro que acabo de ler. A gente toma o livro na 1ª página, e, até à última, vai passando por emoções e mais emoções, belezas e mais belezas, heroísmo e mais heroísmo! É um livro extraordinário!

Salve! grande Sienkiewicz, que elevas e glorificas, nos teus romances, tua grande e sofredora Polônia! Salve! cantor sublime da valentia e do destemor polacos, alma fecunda e patriótica da imortal Polônia!

———

José Gualdo S. Pereira
Belo-Horizonte.

Ascenção jornalística

2.7.942.

A vocação literária acompanhou o meu crescimento, minha formação intelectual. Já menino, iniciei-me nas letras com um pequenino conto publicado no "Suplemento Infantil" de "O Jornal", hoje extinto. Deste suplemento passei para o do "Diário de São Paulo". Matriculado no curso ginasial, no "Ginásio São José" de Fundo Aleore, colaborei no jornal, órgão do "Grêmio Literário M. Mamede", denominado "A Luz".

Depois, já maior e melhor instruído nas línguas pátrias, mandei artigos para a "Gazeta de Ouro-Fino". Transferindo-se, meu pai, para Carangola, lá colaborei nos seus dois jornais: "Gazeta de Carangola" e "Correio Carangolense".

Esqueci-me de dizer, que, transferido, no 3º ano ginasial, para o Ginásio

Diocesano "Sta Maria", escrevi na revista oficial dêste estabelecimento secundário: "A Pena", e, uma vêz, no "~~O~~ Diário do Povo" da mesma cidade, isto é, Campinas.

Agora, daqui de Belo-Horizonte, posso constatar com orgulho e prazer, o meu ingresso no jornalismo de capital, publicando, já, dois artigos pequenos no "O Diário", matutino católico muito conceituado.

E assim, confiante em Deus, espero prosseguir sempre vitoriosamente, com as mãos presas no Trabalho, na Fé e na Perseverança!

José Geraldo F. Pereira
Belo-Horizonte.

Amor que vai e que Volta...

(conto)

15.7.942

— Espere-me no "Jardim do Rosário", edmundo, disse-me Sônia ao se despedir, passearemos lá amanhã, não?

— Sim, lá estarei; boa noite.

Saí aborrecido, e não me voltei para vê-la subir as escadas, para, também, nos despedirmos com a mão, como fazíamos tôdas as noites.

"Ora, deixemo-nos disto! Tôda a noite, dá para enfastiar!" — pensei eu.

Enquanto caminhava ~~mos~~ pelas ruas silenciosas da cidade, quasi tudo adormecido, fui revendo meu amor, no princípio grande, por Sônia. É curioso o amor! Antes de me encontrar com ela, antes de conversar, ouvir sua voz, suas idéias, seus pensamentos, amava-a com intensidade, com castelos e sonhos multifatários. Via-a sempre ao sair do cinema, nos "footings", nos bailes e

a seguia com os olhos, quando não com os pés... À noite pensava nela e me punha queixoso, poético, sonhador. Num baile Domingueiro, no "Clube", dansei muito com ela; conversámos num canto e, ao nos despedirmos, marcámos um encontro para a noite seguinte.

Daquela noite sucederam-se outras, e assim nasceu nosso namôro. Vivi, por algum tempo, com a felicidade no coração. Gostava de conversar com Sônia, ouvir aqueles ~~[illegible]~~ "esses" meio puxados, aquela voz mansa e agradável. Quantos "cinemas" não assistimos juntos, quantos bailes, quantos passeios! De uns dias para cá venho achando aborrecidos os nossos encontros. Sempre a mesma coisa, o mesmo "noivado" como dizem por aí.

Naquela noite, sob as cobertas, não me senti feliz, não revi Sônia com prazer, com saudade. Confesso mesmo que revi uma outra menina, morena, alegre e admirada pelas amigas e pelos homens, ao passar pela Avenida, naquela tarde.

No dia seguinte não fui ao "Jardim" ver Sônia; fui à Avenida rever a morena da tarde anterior. Não a vi.

Mamãe disse-me, ao voltar, que Sônia telefonara, zangada comigo.

— Ora, disse eu à mamãe, com ar indiferente, fui à Avenida conversar com os amigos.

Às 7,30 da noite seguinte estava nos portais da casa de Sônia. Demorou-se ela ao chegar e recebeu-me com aquele seu costumeiro sorriso. Durante tôda a conversa não perguntou o motivo porque não fora ao jardim. Achei aquilo esquisito, porém não toquei no assunto. Notei que seus olhos divagavam, indiferentemente, pelo céu e pelas ruas.

— Bem, Sônia, já é tarde, disse eu num momento, até amanhã.

— Olha, Edmundo, amanhã não po-

derei encontrar-me com você, pois vou, com mamãe, fazer uma visita.

— Está bem Sônia, boa noite.

E não pensei mais naquilo durante a noite e durante todo o dia seguinte. À noite, no entretanto, senti falta dela. Perambulando pelas ruas, passei defronte de sua casa. Estava tudo fechado, tudo triste. Encostei-me ao portão e julguei vê-la, julguei ouvi-la naquela voz mansa e bonita. Ela ali não estava; a solidão, a tristeza e o aborrecimento me dominaram. Retirei-me do cenário dos nossos encontros com saudades, sentindo falta de Sônia.

O sono, naquela noite, custou a chegar. Devia, pensava sempre em Sônia, parecia sentir suas mãos entre as minhas, seu busto nos meus braços, seus lábios nos meus. Acordava nervoso e via, envergonhado que beijava, aflitivamente, o travesseiro. Amava Sônia novamente.

Logo de manhã telefonei-lhe perguntando se ela ia à Escola. Obtive uma negativa. Ela sabia bem que eu queria acompanhá-la, como fizera algumas vêzes. Neste dia fiquei irritadiço, nervoso, movimento. As horas custavam a passar, passavam lentíssimos os minutos. Às 7 horas já me dusera a esperá-la. Soaram as 8 batidas, 8 e meia, 9 e 9 e meia. Meu coração sangrava, meu pensamento maldizia-a. Ouvi, pouco depois, o passo dela e de mais algumas pessoas. Sim, na verdade, era ela, sua mãe e seu pai. Cumprimentei-os e chamei Sônia.

— Olá, disse-me no início, ela, coitado de você! Esperou-me até agora?!...

Refarei num disfarçado sorriso, em seus lábios.

— Não brinque, Sônia, porque você não veiu?

— Ah! o senhor príncipe está ordenando!... — respondeu-me ela, gracejando. Fui ao cinema com papai e mamãe; bom filme, muito bom mesmo.

Nervosamente, irritado, com amor, tomei as mãos de Sônia e a fuzilei para mim.

— Sônia, não graceje assim! Compreendo, compreendo sua vingança. Estava mesmo indiferente a você, porém agora... perdoe-me Sônia, eu a amo, eu a amo muito! O seu desprêzo venceu-me, retornou-me o amor desaparecido! Você é esperta, é adorável, é meu amor, Sônia!...

Ela fitava-me com doçura, com perdão... Subjugado, vencido, alucinado, beijei-a ardorosamente. E o nosso amor, desde aquele dia, reduplicou e ainda hoje é minha felicidade, minha alegria, minha vida!

José Geraldo F. Pereira
Belo Horizonte

— TRISTEZAS NOS MEUS OLHOS...

17-7-942

Passei vagarosamente diante de tua casa. Que saudades tu me destes, então, meu amor!... Tudo de alegre, naquela nossa querida rua, desapareceu. Não te lembras daqueles garotos inquietos, barulhentos, que cantavam em rodinhas, que pulavam, que brincavam o "pique", que imitavam os "cow-boys"? Pois aqueles meninos, minha querida, aqueles lindos petizes desapareceram; não brincam mais, não gritam mais... Lembras-te daquele piano, duas casas além da tua, tocando músicas alegres, valsas, músicas carnavalescas? Êle emudeceu, seus sons evaporaram-se no espaço. Passei lá ontem. Solidão, tristeza, saudade, — era a tua rua, a nossa rua! Vieram-me à mente as recordações felizes dos nossos dias alegres, dos nossos passeios pela tua calçada larga,

tôda noite, tôda noite... A dona Margarida à janela respondendo-nos os "boas noites". A troca de sorrisos e olhares entre nós e aquele outro par de namorados, na outra calçada. As nossas conversas, nossos tolos mas significativos projetos, tuas idéias de sucesso, minhas esperanças no futuro, as declarações, os beijos, os abraços, vieram-me povoar o espírito, enchendo-o de saudades, de melancolia!...

Cada muro, cada porte, cada grade de jardim falava em ti. Num momento, meu amor, julguei ver-te ao portão. Aproximei-me. Eras tu, sim eras tu! Linda, os olhos brilhantes, o sorriso de bondade, creio de amor também, esperavas-me. Parecestes-me o sol rompendo, inopinadamente, as nuvens enegrecidas, clareando a terra, refulgindo por entre os montes e os prados. Julguei ouvir a meninada azoinante, o piano alegre. Porém, como uma cortina de vapor, tudo se evaporou, e a realidade, brusca e cruel, dominou nossa rua querida! Encheram-se de lágrimas meus olhos, fitando o portão de onde tu desceste morta, branca como os lírios, silenciosa como as noites, naquele caixão branco, todo branco, mas todo negro de tristezas!... Apressei os passos, olhei, na esquina, pela última vêz, nossa rua, e caminhei chorando. Cada passo que dei era uma lágrima que caía.

Escrevo esta mensagem agora, que o silêncio de tédio da noite levanta. A brisa refrescante que passa, levará até junto de ti, a saudade, a grande tristeza que tu, aí no céu, povoas, aqui na terra, e os meus olhos em luz!...

José Geraldo J. Pereira

Belo Horizonte

Saùdades... só saùdades!

17.7.942

Saùdades, nesta vida, quem naõ tem?...
Eu tenho, sempre tenho, coraçaõ!...
À mente, tua imagem, sempre vem,
E fico bem saùdoso, desde entaõ...

...

A rua, a grade, o poste, teu portaõ,
Nossos beijos escondidos de alguém...
A lua, a serenata, o violaõ,
Teus olhos, tua imagem e mais ninguém!

...

Porque te foste embora, sim porque?
Partiste, triste, entaõ, eu só fiquei
Chorando, recordando de você!...

...

E agora tudo fica em polidas;
A lua, nunca mais, eu a fitei,
Naõ faz mais serenata o violaõ...

José Geraldo Pereira
Belo. Horizonte

A lição do Velho Professor

22-7-942.

Eu sou, hoje, um aluno do curso superior. Não posso afiançar se foram os muitos livros de cores berrantes, que meu pai empilhava sôbre as estantes, a fôrça principal de minha vocação, ou se foram a sisudez, os ares sérios de meu progenitor, que é magistrado, ao dar suas sentenças, que me enveredaram á advocacia. O caso é que, desde os tempos infantis, ficava eu sentado no chão do espaçoso escritório, rodeado pela claridade pálida do sabão, aspirando o característico cheiro dos livros novos e velhos. Tôdas essas recordações impressionaram-se no meu coração, decidiram meu destino.

No curso ginasial fui perdendo, no 3º ou 4º ano, pouco a pouco, o entusiasmo que minha resolução produzira. Afastei-me dos livros, inicialmente, com cansaço, enfado, mais tarde com raiva,

aborrecimento! Achava insípido, desagradável o estudo; complicados e obscuros os livros, indecifráveis os problemas e teorias matemáticas. Um dia reagi com violência. Precisava estudar! Cerrei as mãos nervosas, segurei o crânio com furor e procurei compreender a lição. E a li várias vêzes, sem gôsto, sem interêsse, sem compreensão. O resultado foi nulo: não estudei.

Uma tarde procurei um velho professor aposentado, que, impelido pela saüdade, visitava meu ginásio, recordando-se dos anos que lecionara. Era um velho de lúcida e brilhante inteligência, apesar de seus 70 e tantos anos.

— Mestre, interroguei-o, não consigo estudar com prazer, tomar gôsto pelos livros adotados, pelas lições designadas. Fico nervoso, desvia-se-me o pensamento para outras cousas, fecho e abro os livros sem resultados.

O velho bateu-me paternalmente nos ombros e replicou-me:

— Meu filho, eu também era assim: não tinha interêsse pelo estudo. Comecei, porém, a tomar livros emprestados com os colegas. Se ia estudar História, reunia, sôbre a mesa, diversos compêndios sôbre esta matéria e, lido um, passava para outro, na mesma lição. Aprendendo um fato num, uma lenda n'outro, fui-me interessando pelo estudo, passaram rápidas as horas, infelizmente, para mim. Nunca estudei só num livro.

Aquela conversa com o velho professor influiu consideràvelmente no meu curso ginasial e, ainda hoje, no curso superior. Tudo se transformou; estudei com prazer e com alegria.

Os estudiosos, deduzo agora, não se fazem com um livro, mas com vários, com uma biblioteca.

Nenhum ~~intelectual~~ literato escreve sem ter conhecimentos históricos, sem conhecer fatos antigos, lendas, narrações, e, é cla-

no, seus conhecimentos gerais.
Ernesto Renan, por intermédio de Joaquim Nabuco, aconselha às futuras gerações de intelectuais que se dediquem à pesquizas históricas, acrescentando, o nosso estadista, no seu livro: "Minha Formação:"

"As leis da inteligência são inflexíveis e a produção do espírito que não se alimenta senão da sua própria imaginação, terá que ser cada dia mais frívola e sem valor."

A formação intelectual dos moços recide nas pesquisas, nos estudos de diversos livros, de lendas, narrações históricas, que, unidos às monótonas lições de um livro didático, dão prazer e interêsse ao estudo.

José Geraldo S. Barcia
Belo Horizonte

Belo-Horizonte

22-7-942

A nossa linda capital, êste sorriso infantil de beleza, está triste, nestes dias. Suas ruas largas acham-se mergulhadas em fraca claridade; não correm mais, sôbre si, os automóveis. É que, ocasionado pela crise atual, suspendeu-se o tráfego dos automóveis particulares, e diminuiram-se 50% da energia elétrica. "Ficou tudo escuro", como diz o povo, tudo triste, como se a alma alegre de Belo-Horizonte voasse para longe, como se fechassem seus brilhantes e vivos olhos... Apagaram-se muitos faróis, os bondes param às 11 da noite. É como se enlutassem nossas ruas, como se um manto negro fosse cobrindo a cidade. Tudo está triste, abandonado. Não se vêem mais os rostos dos transeuntes, os namorados procuram em vão o olhar de suas amadas... As senhoras

passam apressadas, amedrontadas por assaltos causuais...
Um farol de um carro, de hora em hora, rompe as trevas, e sua luz forte, arremessa-se ao longe, como um farol buscando o desconhecido, nos mares.
Quando voltarás, cidade-menina, aos teus dias de luz, de alegria, de animação?

José Geraldo Pereira
Belo Horizonte

— 1as Notas na Faculdade —

Apesar de ter perdido um mês de aulas, saí-me regularmente nas 1as provas do 1º ano pré-jurídico da Faculdade de Direito, obtendo as seguintes notas e respectiva média:

	1ª)	2ª)	3ª)
Biologia	80	80	60
Economia	80	70	100
História	70	80	50
Literatura	70	75	85
Latim	35	35	45
Psicologia	45	50	45

Total: 380
Média: 63
" 2ª: 65 — 3ª: 64

Como vemos, elas, para um estreiante no curso jurídico, são consoladoras, e, oxalá queira Deus, possam, no futuro, ser bem melhores.

José Geraldo F. Pereira
Belo Horizonte

Coração que se revolta!

1. 8. 942.

Dia 1º de Agosto de 1942! E o meu Brasil nada faz! Eu quasi não acredito na realidade; parece-me um sonho, uma quimera, uma imaginação fantástica! A Alemanha, sem ao menos declaradamente em guerra com o Brasil, afunda 9 navios da nossa marinha, mata dezenas de nossos patrícios, bloqueia nossa costa, faz crise em nossos transportes, em nossa economia! 9 navios que habitam o fundo misterioso do oceano!

E os alemães pululam, como pulgas parasitas, pelo território brasileiro; uns enriquecendo, nas casas comerciais, nos bares que êles ocupam aos nossos patrícios, outros satisfeitos, inchando a barriga farta de suas cervejas,

barrigas crivejadas de brilhantes, deixando aparecer, fora das algibeiras, a grossa corrente de ouro de bons quilates! E êstes alemães canalhas, como estúpidas azêmolas enfurecidas, trancafiam, lá na Europa, os brasileiros inofensivos e que nada têm a ver com a situação, remetendo-os, talvez com os pés seguros em pesadas correias de ferro, para os imundos e promíscuos campos de concentração!

Agí, govêrno brasileiro, pagai com a mesma moeda! Dai a César o que é de César! Trancafiai, também êstes louros e indecentes criminosos, remetendo-os para nossas piores prisões, dando-lhes rato como comida e urina como cerveja!

.———.

José Gualdo Pereira
Belo-Horizonte.

NO HARÊM DO SULTÃO

(soneto Alexandrino)

•——• 3.8.942.

Eu fico triste ao ver as virgens macerdas
Caídas de joelho aos pés de seu senhor,
Com aqueles olhos a pedir o seu favor,
E as mãos cobrindo o seio, as faces transtornadas!

-o-

Ás vestes rutilantes mesmo esfarrapadas,
Mostrando a carne branca linda de esplendor!
E os olhos do Sultão, fitando-a com ardor,
Dão medo, dão receio às virgens torturadas!...

-o-

Depois que as vê sofrer, em ânsias o tirano
Atira-se aos seus pés e as beija desvairado,
Rasgando vestes como um louco enfurecido!

-o-

Depois vem o silêncio que é um silêncio humano.
Pelo soluço ou pelo espasmo intercalado:
É a Carne que triunfa em corpo que é vencido!

.———.

José Gualdo Pereira
Belo-Horizonte.

Badalou as 9, o sino...

— Conto —

3-8-942.

Os passos vagarosos, mas pesados, daquele homem encapotado, ressoavam pela pedra fria da calçada.

As bordas grossas do capote cobriam-lhe, quasi todo o rosto, deixando, porem, ver os olhos lânguidos e a ponta brilhante do nariz. Era alto e forte. Longas e musculosas pernas, compridas mãos regeladas, enormes botinas enlameadas.

Soprava um frio vento que, ao passar pelas árvores dos bosques e das ruas, cantava melodias impressionantes. A rua estava deserta. Deserto estava o céu, de estrelas.

Êle caminhava sempre.

O sino dolente da longinqua igreja badalou as nove da noite.

Aproximou-se êle de uma modesta

residência, colocada quasi na esquina com uma avenida. Distanciava-se da rua por um pequeno e florido jardim. Desprendia-se dêle um cheiro de lilazes e de violetas.

Bateu na porta.

Minutos após ouviu-se o ranger da fechadura e a porta abriu-se. Assomou um pequenino rosto de menina.

— É você, Edmundo? Espere, vou chamar a Lélia.

O homem dobrou cuidadosamente a gola do casaco e esperou impacientemente. Via-se agora que era um rapaz, e um belo rapaz. Aparentava 22 anos. Seus olhos traduziam inquietação.

O busto delicado de Lélia apareceu.

— Entre, Edmundo. Dê-me seu casaco.

Sentaram-se. A menina retirou-se discretamente.

— Então, ~~Raimundo~~ Edmundo, parte mesmo amanhã?

— Sim, Lélia, preciso mesmo, e com urgência. Vim até despedir-me de você.

Houve um pequeno silêncio que, pela expressão de cada um, não foi nada agradável. Edmundo remexeu-se na cadeira, dizendo por fim:

— E sua mãe, está melhor?

— Sim, melhorou um pouco. Ontem ela esteve pior. Hoje, porém, desceu a febre. É uma gripe sem importância.

Durante meia hora conversaram banalidades, sem tocar no amor que antes ardera em seus corações.

Edmundo levantou-se.

— Bem, Lélia, já é tarde. Desço-me agora.

Apertou a mão da linda moça. Fitou-a longamente.

— Até a volta Lélia.

— Até a volta Edmundo.

Ouviu-se o fechar da porta e, nova-

mente, ressoaram pela calçada fria, as largas passadas do homem.

Lélia, com tristeza nos olhos, acompanhou o vulto, até que o viu sumir numa esquina. Depois fechou a janela, despiu-se e dormiu.

Acordou de madrugada. Tivera um pesadelo: vira Edmundo pelo meio dos escombros fumegantes dos vagões tombados. Esparramavam-se carnes pelo chão, emiscuídos nas poças ~~rosa~~ rubras de sangue.

Pareceu-lhe ouvir um grito e acordou. Era seu próprio grito. Fechou as pálpebras, enxugou o suor e adormeceu com o pensamento no enamorado. Poucas horas depois o sol veio acordá-la.

-x x x-

Edmundo trabalhava febrilmente na mina. O macacão imundo, o rosto e os braços cheios de pó, era outro Edmundo.

A vida se lhe mudara por completo. O pão que êle digeria tinha outro valor. Seu espírito dava outra importância ao trabalho; era outra a concepção que fazia da vida.

Alí, na pequena cidade do interior, estava só; sentia-se feliz e infeliz. Feliz por se julgar homem, senhor das próprias vontades, e infeliz por deixar os pais já velhos e cansados. E ela ... sim ela! Sentia falta de Lélia, arrependia-se do tolo e pueril rompimento. Ciúmes, sim, ciúmes sem importância. Vira-se, numa festinha entre amigas, dansar com o Mariano duas vêzes. Julgou-a fria e não voltou a encontrar consigo. Era aquele o resultado: saudades, amor, retôrno do amor! ...

x x x x

A vida se lhe tornou insuportável. A imagem de Lélia não o abandonava. Sentia em tudo a

visão maravilhosa de Lélia. Queria Lélia, almejava Lélia, amava Lélia! Um dia embarcou. A saudade triunfara. O barulho da locomotiva parecia, em seus ouvidos, pronunciar o nome dela. Isto durante horas, de dia e de noite.

Num momento ouviu longínquos e estridentes gritos humanos, misturados ao barulho ensurdecedor de alguma cousa que se quebrava.

Sentiu-se violentamente atirado para trás e perdeu os sentidos.

Acordou noutra parte. Tala desconhecida, pessoas desconhecidas, objetos desconhecidos.

Ouvia, muito vagamente, vozes brandas e aflitas, masculinas e femininas. Era como um cristalino eco saindo das entranhas de um precipício.

Queimavam-lhe o rosto, a testa e a cabeça, mergulhada em faixas brancas. Gesticulava, suando, gritando e, exausto, tombava inconsciente.

Uma noite acordou mais calmo. Alguém alisava-lhe os cabelos. Abriu vagarosamente os olhos.

— Lélia! É você?!...

— Sim, meu Edmundo, sou eu, a Lélia. Não faça esforço.

— Onde estou? Lélia, que houve comigo?... — balbuciou vagarosamente. Ah! lembro-me... o trem... barulhos, gritos. Oh! Lélia, estou muito ferido?

— Não Edmundo, algumas fraturas sòmente. Você se restabelecerá.

Edmundo fechou brandamente os olhos, sentindo a doce carícia da mão de Lélia em seus cabelos. Com esforço foi suspendendo o braço. Agarrou a mão da moça e puxou-a para si.

— Meu amor! Eu a amo, Lélia! Não

me deixe, não me abandone!

Beijou seus cabelos, seus olhos, sua boca. Tombou a cabeça, exausto.

— A vida Célia, disse pouco depois, a vida!... Quero viver para si... você será minha!

— Sim, meu amor, a vida! Serei sua... sua, para sempre!...

O sino bateu as 9 compassadas batadas.

~~Ouviam-se~~ Ouvia-se o respirar calmo de Edmundo. A mão de Célia afagava seus cabelos.

Adormeceu com o amor no peito, sentindo a delicada palma de sua mão. Depois ela saiu, pisando levemente o chão.

Olhou, com amor, a figura de ~~am~~Edmundo, mergulhada na doce claridade lunar, e fechou a porta com cuidado.

———

José Gualdo Abreu
Belo Horizonte

Amores de Teseia

8.8.942

Século XVIII...

Teseia amava... muito, apaixonadamente! Amava como nunca amara, sonhava como nunca sonhara! Também pudera! o cavalheiro era um perfeito cavaleiro; dominava os corcéis com a mesma facilidade e intensidade que prendia os corações femininos. E não era só ela que o amava; várias outras. Não só ela suspirava nas janelas, vários outros corações suspiravam. Êle era mesmo belo e másculo, forte, elegante, altivo e nobre. Nas corridas e nos duelos era sempre o vencedor. Na última fizera sucesso. Era a corrida das argolinhas. O cavalheiro tinha que atravessar a lança em três pequenas argolas. Êle assim o fizera, derrotando a todos. Depois, como era de

fraxe, quis que o prêmio fosse dado por Délia. Esta entregou-o rubra de prazer, ouvindo risadinhas maliciosas e invejosas das outras moças, vendo o olhar penetrante que lhe lançava o vencedor.

Alí estava ela, na janela, como Julieta, esperando seu Romeu.
Um vulto sobressaiu na escuridão.
Era êle! E vinha com uma lira!
E ia cantar!

— Virgem! murmurou a moça, vermelhinha como caqui. Seu coração precipitou-se, batendo como os soturnos tambores de guerra dos índios.

A voz do invasor encheu a noite. Péssima voz. Em compensação era expressiva: chorava os versos mais tristes, ria os versos mais alegres. Êle dizia asneiras em forma de verso.

— "Te amo! ... Vós sois meu sol que ilumina... És a lua que dulcifica!..." E outros disparates em forma de canto.

Teséia achava sua voz linda; os versos maravilhosos! E sonhava: os dois num jardim maravilhoso, cheio de rosas, lilazes, violetas, liras tocando, música, harmonia, beleza!... E êle afoito, atrevido, ousado, avançava para ela... e, Santo Deus! — beijava-lhe a mão!
E a música que saía do instrumento transportava-a para regiões de poesia e de amor.
De repente tudo cessou. O cavalheiro cavaleiro olhava para cima, como se esperasse um prêmio.
E êle veiu. Teséia apanhou uma rosa vermelha, osculou-a e atirou-a ao moço. Êste a apanhou, apertando-a no peito, ou beijando-a repetidas vêzes. Depois, com um último e prolongado olhar, desapareceu entre os arbustos. A donzela deu mais uns três suspiros, atirou

um beijo para a noite, e fechou a janela.

Século XX...

Era outra Teséia com um leve roupão de seda, apoiada no peitoril da janela. Parecia que espera alguém. Estava inquieta e nervosa. Era bela e com um lindo busto. Seus olhos, grandes e negros, perscrutavam a escuridão da noite. De vez em quando vinha um bonde. Ela fechava a janela e espiava por uma fresta. Ninguém descia. O possante veículo prosseguia, barulhentamente, seu caminho. De novo ficava a noite silenciosa.

Ela caminhava, nervosa, dentro da alcova. Resmungava, chegava à janela, e nada! Já ia apagar a luz quando ouviu um assobio. Suspendeu as cortinas.

— Teséia, sou eu! Abra a porta dos fundos.

— Sim... sim, Miguel, vou abri-la!... Precipitou-se para a cosinha e deu volta à chave.

Miguel entrou todo encapotado. Atirou-se à Teseia, abraçou-a, beijou-a com furor.

— Desculpe, meu amor, a demora. Não quis vir de bonde... é perigoso.

— Sim, respondeu a moça. Você recebeu meu bilhete, não é?

— Sim. Então seu marido foi ao teatro, não? Você não quis ir?

Teseia corou.

— Desculpei-me com uma dor de cabeça...

Miguel beijava a sempre, nos olhos, na cabeça na boca, no pescoço e nos seios.

Ouviu-se um barulho na porta. Os dois, abraçados, escutaram pálidos como cadáveres. Era uma chave na fechadura.

— Será seu marido?... sussurrou o amante

te trêmulo.

— Virgem! É êle mesmo!... Corra, Miguel, pule esta janela. Adeus, meu amor!...

Neste momento abriu-se a porta do quarto com estrondo. Entrou um senhor vermelho, com um revolver na mão. Ainda viu o vulto de Miguel que corria nas trevas. Deu uns tiros. Seus dois cachorros acordaram e, latindo, perseguiram o vulto.

O marido fitou a esposa com furor e saiu batendo a porta.

Pouco depois voltou. Teresa, sentada na beira da cama, soluçava baixinho.

O marido passeava, nervosamente, no quarto.

Minutos após fechou-se a janela, apagando-se a luz. Tudo ficou em silêncio. Os dois finham feito as pazes!!!

José Jualdo Teixeira
B. Horizonte.

Selvageria Inominável!

21.8.942.

Escrevo estas notas com o coração a sangrar, com os dentes a ranger, com o sangue, quente, a correr precipitadamente pelo corpo! Há 5 dias atrás os bárbaros, os selvagens, os canalhas alemães, num ato que revela tôda sua atitude e todo seu caráter, afundaram, a poucos quilômetros da costa sergipana, 5 de nossos indefesos navios costeiros, que, sem levar material bélico para portos em briga, faziam simplesmente transportes para nossos próprios portos!

Segunda-Feira os jornais noticiaram o fato. O povo gemeu de indignação. Em Belo-Horizonte a notícia foi recebida como se recebe, numa família, uma desgraça. As ruas encheram-se de gente, comentando e reclamando. ~~Nesta mes~~ No dia seguin

te, pela manhã, os professores, nas escolas e nas Universidades, fizeram eloqüentes prelecções sôbre o assunto. À noite a mocidade mostrou, publicamente, sua indignação e seu profundo sentimento patriótico. Partindo da Praça 7, uma incalculável multidão percorreu as ruas, dirigindo-se ao palácio do governador. Ouviram-se vários oradores em extraordinários improvisos. Antes, ao passar pela Faculdade de Direito, o povo ouviu a mais bela peça oratória da noite, a palavra mais ardente e entusiasmada: a do prof. Alberto Deodato.

Na praça da Liberdade todos ouviram, emocionados, a palavra do dr. Benedito Valadares, governador do Estado.

Em seguida rumaram à redação dos "Diários Associados". Houve, ali, a mais intensa vibração patriótica. Falaram muitos estudantes, interrompidos pelos vivas e pelos aplausos. Dirigiram-se todos, em seguida, à "Folha de Minas". Eu estava no meio dos estudantes, aplaudindo e dando vivas, como bom brasileiro que sou. O redator do referido jornal pronunciou expressivo improviso. Dali, cantando o Hino Nacional, rumamos ao "Diário", meu querido jornal. O Dr. João Franzen de Lima e o Dr. Edgar da Mata Machado ardentemente, falaram ao povo. O comício, como sempre, vibrante e emocionado, rumou para a Rádio Guarani. Outros oradores, outros vivas, outros hinos, todos irradiados.

Coincidindo agradàvelmente com a visita do embaixador do Uruguai, nossa nação irmã, a grande multidão se estacionou em frente ao "Grande Hotel". Ouviram-se vários

oradores, enquanto se esperava o Sr. embaixador que se achava ausente. Êste chegou no meio da maior ovação e simpatia. Pronunciou um extraordinário discurso, agradecendo em seu nome, e no do Uruguai, a homenagem, e reafirmando os laços indestrutíveis que ligavam as duas nações irmãs. A multidão ouviu-o comovidíssima, notando-se até que ~~êle~~ chorava o orador.

Dirigimo-nos, então, passando da meia-noite, para a Praça 7, onde o comício foi encerrado.

A DEPREDAÇÃO

O movimento de revolta prosseguiu durante tôda a noite.

Na madrugada do dia seguinte, os operários e o povo mais inferior se reuniram. Carregavam a bandeira nacional e entoavam o nosso Hino. Todos estavam indignados com o miserável atentado à nossa soberania!

Dirigiram-se, às centenas, para as casas comerciais do súdito do eixo. E arrombaram-nas, e destruiram por completo tudo o que lá existia! Era um espetáculo nunca visto! Tudo foi arrasado: os balcões, as vitrines, as mercadorias, até o ferro, o assoalho e os ladrilhos da parede! Reuniam tudo lá fora e queimavam. Os perfumes finíssimos da ex-casa Oscar Hermany foram destruídos, os móveis luxuosíssimos da Casa Mancini, a padaria Bocchi, Savassi, São Cristóvão, casa Maschner, bares às dezenas, casas de rádio, enfim, tudo foi reduzido a pó! Nada restou do antes excelente restaurante Pinguim. Tudo foi queimado, tudo foi vingado!

A população tôda estava nas ruas,

assistindo, contente, a êste justo desabafo, a esta justa vingança. Bombeiros corriam pela cidade, a polícia prendia eixistas, etc.
Isto durou, desde às 5 da manhã até às 5 da tarde. Nesta hora a polícia interveiu fazendo cordão de isolamento, não permitindo que ninguém, dali para adiante, entrasse na Praça 7. À noite a Avenida foi vedada ao público. Fecharam-se as casas comerciais e os cinemas.
Os bondes cessaram de transitar, tudo enfim ficou parado, como numa noite tempestuosa!

. . . .

Hoje, Sexta-Feira, ainda se comenta os incomuns fatos da semana. Crê-se que o Brasil entrará, com tôda a América, em guerra. Os jornais só falam nisso. Até hoje, desde 3ª Feira, não funcionam os cinemas e os bares fecham-se às 10.

— O afundamento dos navios deu-se na noite de Sábado passado. São em nº de 5: o "Araraquara", o "Baependí", "Araras", Capitão Bencibolo e o "Guaíra".
— Os jornais estigmatizam em 300 o nº dos mortos. Acredita-se, porém, que o número seja superior.
— Todos os países latinos e americanos, enviaram telegramas de solidariedade ao nosso país.
— Foram presos muitos cidadãos alemães, japoneses e italianos.
— Em tôda a nação houve vibrantes passeatas cívicas.
— O Brasil foi ultrajado, mas nós, moços, o vingaremos!"

VIVA O BRASIL!
ABAIXO O EIXO!
VIVA G. VARGAS!

José Gualdo Pereira
Belo Horizonte.

Declarada a Guerra!

1.9.942.

22 de Agosto de 1942. 3 horas da tarde. Assinou-se, nesta hora e naquele dia, a declaração em que o Brasil, em vista dos criminosos atentados que sofrera, reconhecia o estado de beligerância entre o Brasil, de um lado, e a Alemanha e Itália de outro. Esta notícia foi divulgada às 5,45 da tarde, em Belo-Horizonte, pela Rádio Inconfidência. Desde as 4 grande multidão apinhava-se na esquina da avenida A. Pena com a Rua Rio de Janeiro, em frente à Agência Telamarque, onde se colocava um alto-falante. O público, ao ouvir a declaração, prorompeu em delirantes palmas e vivas. Foi um momento histórico e inesquecível. Enquanto nossa face e nosso olhar traduziam alegria, pabio-

tismo, nosso coração se inquietava com os destinos do Brásil, com o nosso próprio destino, e nosso espírito buscava Deus e repousava nele, como um filho que descança o rosto no peito materno e pede proteção!

Durante a noite houve grandioso comício. A Cruz Vermelha arrecadou dinheiro para si. O povo enchia as ruas e as calçadas, dando vivas, fremente de entusiasmo e de bravura. Na praça da Liberdade falaram inúmeros oradores, assim como na praça Sete e em frente à Igreja de São José. Esta noite e as que lhe sucederam, foram históricas, de grande significação para nossa vida.

Ontem, dia 31, foi decretado o estado de guerra em todo território nacional.

José Geraldo Pereira
Belo-Horizonte

As horas Atuais

16.9.942.

Os dias que vivemos são históricos. A vida comum da cidade se modificou, paira no ar um rumor extranho, um murmúrio desconhecido. A Guerra está aí. Descrever o momento de verdadeiro delírio patriótico, é impossível. As passeatas se sucederam. Foram os operários, foram os estudantes, foi toda a classe operária, foram os "chauffeurs", foram os funcionários públicos, enfim, todo o povo belo-horizontino saiu as ruas, segurou estandartes, bandeiras, cantou nossos hinos belíssimo, deu "vivas", deu "morras", provou seu amor ao Brasil! Que dia vivemos nós! Foi a chegada dos naúfragos a caminho do Rio. O povo, aos milhares, en-

chem a estação e as ruas, aclamou-os como heróis, como mártires. Eles eram todos morenos e fortes, tipo mesmo do nortista.

A narração dos torpedeamentos, por, êles, foi deveras impressionante.

À noite a Rádio Guarani entrevistou-os pelo microfone, e lá conversei com alguns deles.

A narração dêles foi como uma aventura que se costuma ver nos cinemas!

Hoje, 16.9.942, foi decretada a mobilização geral em todos os estados do reservistas e cidadãos disponíveis o serviço militar.

É a guerra, são os dias históricos que vivemos, é a hora suprema que o Brasil atravessa!

José Luiz do Prado

Belo Horizonte.

— Romance sôb[illegible] a chuva —

19.9.942.

— Há três dias que não a vejo! — pensava Rui no seu quarto de pensão, — três dias sem ver a minha pequena, é demais!...

Retirou o rosto da vidraça, e passeou no quarto. A chuva caía miúda e friorenta. Quasi ninguém nas ruas, o pingar contínuo do telhado na calçada, a corrente de água amarela, a rolar na beira da rua. De vêz em quando ouvia-se o rodar de um carro sôbre a rua encharcada.

O ruído aumentava, passando defronte à janela do quarto da pensão, e diminuía pouco a pouco, até desaparecer por completo.

Rui caminhava até a um canto do quarto e voltava ao outro. Via-se a impaciência em seu rosto, notavam-

se, em seu olhar, o nervosismo e o muito desespero.

Suas velhas botinas ressoavam no assoalho, batendo, algumas vêzes, em algum objeto ou livro descuidosamente caído por lá.

A cama estava remexida, como se alguém tivesse ocupado dela poucos minutos antes. Livros jaziam abertos na mesa, cadernos amassados, canetas e lapis esparramados.

Chovia sem cessar há três dias. O estudante, quando não ia à Faculdade, passava a maior parte do dia em seu quarto, no de seu amigo Amaro, ou na sala de refeições. Costumava encontrar-se com Clea tôdas às noites às 7,30 da noite, na esquina da rua em que ela morava. Não era muito longe da pensão: uns 3 ou 4 quarteirões além. Com a chuva a cair, seus planos viram-se transtornados. O primeiro dia sem vê-la não lhe foi muito; já no segundo impacientou-se um pouco, e agora, no terceiro, maldizia furiosamente as águas.

Encostou novamente o rosto na vidraça, prescrutou a noite de trevas, deu um suspiro de resignicão, despiu-se e dormiu.

Durante duas horas lutou contra a insônia, venceu-a e adormeceu calmamente.

. . . . . xxxxx . . . . . .

Dois dias depois ainda chovia. A mesma chuva impertinente e fria. O desespêro de Rui chegara ao auge. O amor o abrazava, era como o calor que se vai acumulando, num cubículo fechado, a medida que o tempo passa e mais intensamente se respira. Aquilo já o enlouquecia. Nunca pensara Rui que a figura de uma garota de 16 anos fizesse tanta fal-

ta em sua vida! Para êle sua falta era tão grande como o sol naqueles dias.

Abandonara os livros e na sala de aula seu espírito divagava. Naquele dia, porém, fizera a resolução de vê-la. Vê-la, sim, custasse o que custasse!

Às 4 Paiu da pensão. Vestia uma capa de borracha e usava um velho chapéu. Caminhou apressado encostando-se nos muros e nas janelas das casas. Avistou a casa de Clea. Nunca estivera mais nervoso nem ~~mais~~ tanto ansiava encontrar-se com ela. Somente uma janela estava aberta. Rui olhou, por ela, para o interior iluminado da casa. Viu a irmã de Clea sentada ao piano. Rui esperou que a namorada aparecesse. Decorreram cinco minutos. Aproximou-se alguém. Era Clea.

Precipitou-se o coração do estudante. Viu-a aproximar-se da janela.

— Clea, clea, chamou baixinho.

— O que!? Quem é?!... respondeu assustada a menina.

— Sou eu... Rui...

— Você?! Que faz aqui, Santo Deus! Olha... se papai nos pega!

— Não aguentei, Clea, precisava vê-la! Mas está chuva... Nossa Senhora, mas que chuva!

— Oh! Rui, mas você está tomando chuva! Que fazer?... Não posso convidá-lo a entrar, pois papai...

— Não se incomode, Clea. Nada me acontecerá. Quiz cientificar-me se você ainda me... amava...

Clea avermelhou-se.

— Mas que idéia, Rui! Claro que somos... ainda...

— Está bem, minha Clea, estou compensado. Acho melhor ir-me. Não se esqueça de mim. Eu sempre

penso em você. Amanhã virei vê-la.

Aproximou-se da janela. Tomou as mãos dela, olhou seus olhos demoradamente, e sussurou com amor:

— Adeus...

— Adeus, Rui, respondeu a menina.

Rui afastou-se rapidamente.

Clea fechou a janela. Caia mais forte a chuva.

.....

No dia seguinte Rui sentiu-se mal. Amoleciam-se suas pernas e ardia seu rosto. À tarde deitou-se e chamou a dona da pensão.

A boa e gorda senhora assustou-se ao vê-lo naquele estado e telefonou imediatamente a um médico.

À noite êste veiu. Era uma forte gripe. Ao sair, a senhora perguntou ao clínico:

— Então, doutor, como está êle?

— Não está muito bem, minha senhora. Está com muita febre. Tome muito cuidado com êle. Amanhã cedo virei vê-lo.

No outro dia Rui piorou. A febre subiu. O médico avisou sua família. Estava com pneumonia.

Durante tôda a noite delirou. A aurora rompeu esplêndida. Parara a chuva e havia sol. Era um belo dia.

Ao redor do leito de Rui choravam seu pai, sua mãe e uma irmã. Passou calmamente o dia. Clea veiu vê-lo à tarde. Conversaram um pouco. Apresentou-a aos seus pais. Com um triste sorriso nos lábios, falou:

— É a Clea, papai. Eu a amo. Fui vê-la num dia de chuva e agora...

— Você melhorará, Rui, você melhorará! — exclamou a linda garota.

— Sim... Sim, talvez...

Assim dizia ela, porém assim não pensou o destino.
Morreu de madrugada, num acesso febril de tosse.
Parece a alguém ouvi-lo exclamar, entre o delírio e a tosse:
— Clea, Clea. A chuva, meu bem!... A chuva...
Já não chovia, porém.

José Jenaldo Bruno
Belo Horizonte

De minha janela

1942

Como uma aquarela [illegible] esboçada por um pintor, é que eu vejo o céu. Nuvens brancas, sem uniformidade, sôbre um fundo azul-claro. Sob êste céu encantador ouço e vejo um aeroplano possante, com suas azas rebrilhando ao sol, e com seu ruído que aumenta à medida que se vai aproximando, e diminui à medida que se afasta.
Pela vitrola, ou rádio, de um visinho, saem os sons harmoniosos de uma valsa vienense, sons que entram em meus ouvidos como uma melodia de ultra-mar ou de regiões que só os espíritos sensíveis sabem devaneiar.
Aquela valsa contrasta horrivelmente com o roncar estrepitoso dum avião. Uma é a vida que se emana em música e em cores, outro é a morte

que se representa naquele ruído curioso.

Agora ouço a "Quarpola". E me lembro, então, dos mexicanos, das castanholas, das guitarras, das largas e coloridas saias volteando ao som das melodias.

Estão cantando os passarinhos; canto de alegria, de felicidade, de primavera. Estão brincando as crianças na calçada. Eu ouço seus risos cristalinos e inocentes. E comparo a alma delas com a dos passarinhos. É a mesma, cheia de inocência, cheia de canto e de ripadas.

Volto a ouvir uma valsa de Strauss. Ouço novamente o avião! Desta minha janela, santo Deus, quanta coisa eu vejo e ouço!...

José Ualdo Becina
Belo Horizonte.

CRUZEIRO — a nova moeda

3-11-942.

Hoje é o dia indicado pelo governo para a circulação da nova moeda que vigorará em todo o Brasil: o cruzeiro.

O real, o conto e tostão passarão a residir, doravante, nos bolsos dos defuntos, porque defunto êles já são. Aí vem aí moeda nova, linha em folha, luzente, bonita e limpa. Os jornais, por demais, já noticiaram os valores do cruzeiro. Um cruzeiro valerá o antigo mil reis, ou 10 tostões. 2 cruzeiros, 2 mil reis, e assim por diante.

O centavo será a subdivisão do cruzeiro. 100 reis, ou 1 tostão, serão representados por 10 centavos. 200 reis, 20 centavos; e assim por diante.

Será diferente a representação dos

fa nova moeda. Assim, primeiramente, escrever-se-ão as abreviações de cruzeiros, seguindo-se os cifrões e a seguir os números. Exemplo:

2$500 escritos em cruzeiro:

Cr. $ 2,50.

152$600 - idem.:

Cr. $ 152,60

120$000 - idem.:

Cr. $ 120,00

Alguns jornais estão opinando para que se simplifique mais a escrita, colocando-se sòmente um C cortado por um traço, da seguinte maneira:

₡

Ainda não se sabe se estas sugestões serão aceitas.

Logo que receba eu a nova moeda, descrevê-la-ei na próxima pagina. Por ora adeus e... Cruzeiro do sul no céu e cruzeiro na mão, na terra.

José Fuzaloo
Belo-Horizonte

MINHA NOVELA:

66

"Lucy está demorando..."

—(11-11-942)—

Feixe daquela luz clara, saída da janela entreaberta, lançava-se, como um farol apontando seu dedo luminoso, na escuridão da noite. Em redor da casa a misteriosa orquestra noturna executava a sua mais misteriosa e desafinada melodia. Nenhuma leve viração soprava. Tudo parado e mormaçoso, como se a terra estivesse mergulhada numa cratera extinta. As árvores fixas davam a impressão de fantasmas mumificados cujos braços eram os ramos, alguns dos quais, iluminados pela luz enfeixada, formavam, no prado verde, extranhas e alucinadas figuras. Em tudo imperava a noite, com sua corte de mistérios e de gritos exquesitos, brados longinquos saindo do desconhecido, pássaros fantasmagóricos,

MINHA NOVELA:

"Lucy"

(

sons de além-túmulo...

Lucy demorava-se e já eram 8 horas. Dentro da casa rústica de campo, conversavam dois velhos mirrados como os troncos invernosos. A velha, sentada no banco, encostado numa parede descascada e enfumaçada, costava meias velhas para fazer tapetes. O velho dormicava, com a cabeça apoiada na mesa sem toalha. Eram os dois enrugados e sem dentes. A morte, dava impressão a todos, parecia espreitá-los cobiçosamente.

O sítio de Lidnia não era muito longe do de Lucy, entretanto aquela demora não era natural.

—"Deve ter acontecido alguma cousa à filha", resmungou a velha, com os olhos perdidos no teto, abandonando as meias.

O velho Quinca levantou a cabeça sonolenta.

—"Deixa-te de rabugice aí, Siá, a "Cia" sabe o que faz, ora bolas!"

Por dentro Quinca não pensava deste modo. O caso era de preocupação. Sempre Lucy vinha às 6 e meia ou 7. Naquele dia já marcava mais de oito o velório centenário.

A Lucy era bonita e formosa. De pernas bem torneadas, amorenadas pelo sol tropical, cintura delgada, seios ponteagudos e firmes, colo branco e carnoso, o rosto era, de tudo, o mais belo. Profundos, penetrantes olhos negros e longos cílios. Era uma cabocla rija e decidida. Boa e meiga para os pais, movia e auxiliava em tudo: desde a ordenha das vacas até ao recolhimento dos bezerros, à noitinha. Seus gritos, espantando os pássaros daninhos, ecoavam pelas montanhas afora. O "sítio de Lucy", como era conhecido, apesar de ter ela um irmão, indolente e socegado, estava encruzilhado entre dois montes, num magnífico terreno. Descendo uma pe-

quena encosta, uns 30 metros abaixo, dava-se no riacho que impulsionava um moinho de fubá. Mais abaixo ainda, entre algumas grossas e frondosas árvores, os roceiros construiram alguns bancos e um pequeno balcão para, quando passassem por ali, seguindo a estrada, os viajantes, vender laranjas e jaboticabas. Era por êste caminho, ao lado da "vendinha", que se ia ao sítio de Licínia. Vou segui-lo e ver o que faz Lucy, na casa da amiga.

. . . . . .

— "Espera ai, bradou Licínia do fundo da casa, não vái já não, Lucy. Estou terminando uns suspiros para você levar.

— "Não demore, respondeu a moça, já passa da "hora".

A "hora", como ela dizia, eram as 6,30 quando voltava com Raimundo, irmão de Licínia.

Aquele era o que mais gostava de Lucy, apesar desta não o saber. Nunca pensara ela em namoro. Não conhecia nada além do trabalho. As caminhadas de volta, eram, para Raimundo, a melhor hora. Êste era forte e trabalhador. A mãe atormentava-o o dia inteiro, para que se casasse com Lucy. Era o sonho da velha ver o filho casado com tão bela e boa rapariga. Entretanto, ela parecia não ligar; não se encomodava com o rapaz. Era um tormento para êle e para a mãe.

Raimundo, neste dia, não estava contente com a demora. Ansiava a partida, ansiava estar ao lado da companheira.

O relógio deu as 7. Os suspiros ainda não haviam terminado. Lucy foi à cosinha.

— "Olha, Licínia, — falou à amiga, preciso ir. Mamãe deve estar incomodada.

— "Espera, Lucy, um pouquinho mais. O Raimundo levará você. Estes suspiros vão ficar bons.

Já era noite fechada. Lucy temia a

volta com o moço. Mesmo ~~saiu~~ assim partiram, pouco depois.

Caminharam um pedaço sem conversar. Lucy estava amedrontada, porém transparecia despreocupação. Falaram sôbre as plantações. A do milho não estava boa naquele ano. Devia haver alguma bicheira nas espigas. O assunto enberedou-se para a Ana, a noiva do irmão de Lucy. Era bonita e daria uma boa esposa.

— "E você, falou, nervoso, Raimundo, quando ~~casar~~ escolherá o seu?

Lucy procurou mudar de assunto. O cabloco insistiu, fixando seus olhos nos dela e apertando sua mão. A rapariga quis puxá-la, entretanto o jovem a suspendeu o fegante.

— "Deixa, minha Lucy, eu gosto muito de você. Não sabia, não é? Pois acaba agora. Sempre gostei de si. Muito, muito mesmo!"

Passou o braço em volta de sua cintura e a puxou. Lucy desprendeu-se com dificuldade e afastou-se. O rapaz correu em sua direção, agarrando-a.

— "Ora, deixe-me Raimundo!

— Não, menina, venha cá, falou ofegante o cabloco, agarrando-a e a beijando. Houve uma pequena luta entre ambos.

— "Largue-me, covarde! Não o quero, ouviu?! Não gosto de você! Largue-me, idiota!

Raimundo tapou sua boca com outro beijo mais ardente. Lucy estava espremida contra seu peito largo, e seus seios doíam, sensuais.

Houve um momento em que ela se sentiu como que absorta, desfalecida, e caiu abandonada em seus braços. Foi carregada para uma relva. Lá o rapaz despiu-a sofregamente. Remexeram-se como cobras, entre abafados murmúrios de gôzo e gritos de espasmo. A respiração de ambos misturava-se ao rolar

barulhento dos corpos em delírio. Eram o inferno e o céu misturados. A dor e o prazer emisturados. Depois tudo cessou.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

II.

Lucy chegou correndo. Vinha pálida e descabelada. Seus dentes tremiam ao entrar em casa. Correu para o quarto, ante os olhos estupefatos dos pais, e trancou-se por dentro. Não abriu a porta a nenhum dos dois.

No dia seguinte sentiu-se mal. Só via Raimundo em sua frente. Odiava-o e o amava. Repudiava-o e o queria. Queria-o morto, ansiava-o vivo. Injuriava-o com raiva, beijava-o com delícia. Rolava entre as cobertas. Suas pernas estavam como que caimbradas. Doíam-lhe algumas partes do corpo e a cabeça se lhe ardia. Mesmo assim levantou-se. O sol queimava a natureza. Mugiam os bois, tocados pelos boiadeiros. Ouviam-se gritos estridentes de vaqueiros, chicotes estalando no ar e imprecações dos cavaleiros, perseguindo algum garrote impertinente. As lavadeiras batiam as roupas nas pedras, com as saias suspendidas, mostrando as pernas fortes e musculosas.

O moinho funcionava, batendo o milho. Rangia um carro de boi na estrada e porteiras batiam. Lucy caminhava pelos campos estonteada. Esquecia-se de tudo e só se lembrava da cena de noite. Queria lembrar-se de tudo e esquecer Raimundo. A imagem dele, a emoção e a lembrança eram mais intensas do que o exterior. A paisagem embaraçava-se em seu íntimo.

Trabalhou mais intensamente. Durante três dias não visitou Licínia. No quarto a amiga veio vê-la. Procurou-a pela casa e não a encontrou. Foi achá-la entre o milharal.

— "Então "Cujona", que aconteceu consigo?
— "Nada, respondeu Lucy, não tenho podido ir, simplesmente".
— "Não senhora, insistiu Licínia, houve alguma coisa. Conte-me tudo.
— "Ora, disse aborrecida a cabocla, não aconteceu nada. Vamos passeiar".
Caminharam entre os pés de milho. Lucy não sabia o que falava à Licínia. A figura festa lembrava-lhe a de Raimundo. A de Raimundo recordava-lhe a noite... a queda! Mas Licínia interrompeu o silêncio:
— O Raimundo foi ontem à cidade.
Lucy estremeceu e balbuciou:
— Para... que foi êle à... à cidade!
— Disse que ia comprar arreios novos. Êle está com vontade de ir a uma grande caçada na mata do Gustabo. Falou-me que nos levaria também, pois vão algumas moças.

Pararam debaixo de uma mangueira. O sol estava escaldante. Lucy sentia-se indisposta e exausta. Sentaram sôbre as grossas raizes da árvore. Vinha vindo de longe, na estrada, entre a poeirada que fazia, um carro de boi, gemendo espaçadamente. O som veio cada vêz mais se aproximando. Já se ouviam os berros do boiadeiro, tocando com a vara fina, o lombo dos animais e pedindo fôrça e estimulando velocidade. Ao passar defronte das moças tirou o chapeu respeitosamente. Era o Chico, trabalhador do sítio de Licínia.
— Você viu, Chico, o Raimundo na cidade?
— "Si"? Quem viu?... Quem?...
— O Raimundo, Chico, meu irmão!
Frisou Licínia.
— Ah! sim, respondeu o caipira, vi, "si" senhora. Já vem vindo

por aí. Comprou dois "arreio" que "é uma beleza!"...

— Até logo, Chico, falou a moça.

— "Inté", Sia".

Os bois puseram-se em marcha, carro que gritando pelo caminho afora. Pouco depois nada mais se ouvia dele.

As moças já se iam levantar quando ouviram o galopear de um cavalo. Era o Raimundo. Desceu rápidamente e veio a elas. Lucy fêz-se muito pálida e mal respondeu seu cumprimento.

— Aqui estou, irmãs. Tudo pronto na cidade. Comprei dois bons arreios. Você já falou à ~~Ficini~~ Lucy sôbre a caça?

— Já falou, interveio Lucy, criando coragem.

— Vocês vão? — perguntou o rapaz.

— Não sei se posso ir, disse Lucy.

Os olhos de Raimundo penetraram nos seus profundamente. Ambos os dois, passado um momento, voltaram-se envergonhados.

Seguiram os três. Raimundo ficou do lado de Lucy. Aquele falou muito sôbre a caçada. Deveria ser domingo, portanto daí a três dias. A Carmen, Margarete, Maria, Eulália, Miriam e os irmãos também iriam. Partiriam às 6 da manhã. Penetrando na floresta dividir-se-iam em turmas de quatro.

Avistaram a casa de Lucy entre os pinheiros e as laranjeiras. Havia alguém cantando, enquanto batia a roupa à beira do riacho. Um moleque berrava empoleirado no palhol. Um outro colhia jaboticabas. O vulto da velha Luiza assomou à porta. Trazia um grosseiro avental e um pano branco na cabeça. Ao avistar os rapazes abaixou com alegria.

— Então, meus filhos, chegaram na "horinha". O cafezinho está servido.

Licínia respondeu:

— Ora, dona Luiza, não precisava se incomodar.

— Deixa disso, minha filha. Eu sei que você está com vontade de comer os meus biscoitinhos. Entrem logo.

Rodearam-se todos na mesa. O velho Quinca já havia tomado e pitava em cachimbo, numa cadeira.

Quinca gostava muito de Licínia. Desde pequena a conhecera. Fora pagem dela por muito tempo. Ela não era bonita. Entretanto tinha uns belos olhos. Diziam que o velho uma vez a salvara de afogamento. Fôra um caso que lhe atraíu a atenção de todo mundo; Cia Luiza, moça coitejada de então, rodeou-o respeitosamente, definindo-o de herói. Um mês depois do "heroismo", casaram-se. Meses bonitos os primeiros. Lindo o primeiro filho. Lindas as primeiras ilusões do casal. Lindos os primeiros sussesrros do pequeno Carlos. Depois vieram os maus tempos. Doenças do filho, aperturas financeiras e o barco ia no redemoinho da desgovernança. Más colheitas; deficientes as crias. O conto, no entanto, levou a tempestade para longe: os tempos calmos vieram, finalmente. Nasceu Lucy que foi, desde o nascimento, uma bela e forte pequerrucha. Avigoraram-se os filhos, mirraram os pais. Enquanto os ramos cresciam, opulentos, as raizes enfraqueciam, sem forças. O velho tomou grande afeição pela Licínia. Engraçado, pois todo mundo dizia que êle gostava mais da outra do que da própria filha. As duas cresceram unidas e amigas. Seria interessante, e era plano mesmo dos pais, que a Licínia se casasse com o Carlos e o Raimundo com a Lucy. Aquele não se uniram e êste o fizeram num momento de fraqueza. Os sonhos da

Licinia emissairam-se na decepção. E os de Raimundo? Vitoriosos?...

. . . . . .

. . . . . .

III

O domingo amanheceu festivo. Corriam cavalos pelos páteos; arreavam-se alguns, experimentavam-se outros. Os cães, de compridas ~~orelhas~~ orelhas, tombadas para o chão, gasniam inquietos, farejando o solo e abanando as caudas. Ouviam-se berros dos capatazes, repreendendo os moleques, e atendendo às ordens dos cavaleiros.

Lá estavam já o Raimundo, Licínia, Carlos, Lucy, Margarida, Carmen, Eulália e seus irmãos. O Chico ainda não se reunira ao grupo, e isto aborrecia a Raimundo, que era seu companheiro. Meia hora depois aquele chegou. O grupo todo, que o estava esperando, a um sinal de Raimundo, pôs-se em marcha. As patadas dos animais ecoaram pela estrada. Os cachorros corriam na frente, latindo alegremente. O sol caminhava para o alto, e coloria todos os recantos. A temperatura estava fresca e agradável. Ao se aproximarem da mataria, os cavaleiros se separaram. Lucy seguiu com Carmen e um conhecido. Raimundo e Licinia, com o Chico, enveredaram por outra trilha. Uma hora depois todos haviam penetrado na mataria e, à entrada desta, viam-se os sinais das patas dos cavalos e os ramos arrancados.

Lucy ~~cavalgava~~ silenciosamente, espreitando entre as árvores, com a espingarda em riste. Um animal rastejou pouco além. Pediu a moça silêncio aos companheiros e espreitou. Um corpo peludo atravessou um desvão. O tiro reboou. O animal con-

torceu-se, uivando. Correram a êle.
— biva! — bradou Lucas, é um porco do mato! Boa caça... boa carne!...
O rapaz que a acompanhava amarrou-o numa vara, pendurando-o no selim. Metros adiante, a trilha não prosseguia. Desceram os três dos cavalos e os amarraram aos troncos.
— vamo-nos separar um pouco, aconselhou Carmen. Tenham muito cuidado com os tiros. Dentro de meia hora uniremo-nos novamente.
A filha de "Sô" Quinca esqueirou-se entre duas jequitibás grossas e avançou com a espingarda nas mãos.

. . . . . .

Raimundo, havia matado um pequenino jaguar, duas lagartixas e alguns coelhos. Tinha ótima pontaria e sabia descobrir a caça. Licínio e Chico pouco tinham matado e estavam com inveja do companheiro.
Numa pequenina clareira separaram-se também. O plano de Raimundo era caçar o mais que puder para, aos olhos de todos, e especialmente aos de Lucas, elevar-se como hábil e perspicaz caçador. Um coelho passou velozmente em sua frente. Raimundo apontou a espingarda e atirou. Não acertou. Raimundo blasfemou decepcionado.
— "Hás de ver agora, diabo!" — resmungou enraivecido.
Andou alguns passos um animal de costas para si. Deitou-se sôbre as relvas e rastejou-se com destreza e silêncio. Num momento, porém, quando êle mirava a cabeça do gato selvagem, êste voltou-se, viu-o e deu um enorme salto para o alto. O tiro ecoou pela floresta. Um grito fino de mulher dominou o eco do estrépido. Raimundo empalideceu e levantou-se como louco. Atirou a arma

para longe e correu em sua direção. Perindo-se nos espinhos e nos galhos pontiagudos, ~~ali~~ chegou onde viera o grito. Viu um corpo caído. Correu para êle. Era Lucy, que se contorcia como desesperada. Sangue jorrava de seu peito e ela gemia.

Raimundo amparou-a.

— Lucy! Lucy! meu Deus, eu a matei! Meu bem, Lucy! Oh! o tiro a atingiu!

Tomou-a nos braços e caminhou apressado para o animal. Estava pálido e com os olhos esbugalhados. O sangue continuava a jorrar e a ensopar o vestido de Lucy e seu paletot, deixando um rastro atrás.

Estava exausto e ensanguentado ao montar o cavalo, depois de muito cuidado. Gritou pelos companheiros, mas ninguém o escutou. A cabeça de Lucy, caída em seu ombro, estava branca como de defunto. Mas seu coração pulsava e ela, de vez em quando, dava um estremecimento. Pouco depois chegaram à casa da moça.

Quinca e Luiza abraçaram a filha, gritando desvairadamente. Deitaram-na na cama e, com algodão e pano, estancaram o sangue. Era preciso, porém, ir à cidade buscar um médico. Não havia mais ninguém, além deles. Raimundo montou o animal e partiu a galope. Seus pensamentos confundiam-se. Esporeava o cavalo que corria como uma flecha, levantando nuvens de poeira. Raimundo estava tonto. Só ouvia o grito só via o corpo ensanguentado da mulher que amava. Brandia o chicote no ar. O animal arfava e suava por todos os poros. Atravessou as ruas como as casas. Atravessou as ruas como o vento. Desceu à porta do Dr. Manoel. O médico ouviu-o narrar o sucedido, em silêncio e calma. Mandou

atrelar a charrete e, minutos a-
pós, partiram. A volta foi mais
cruciante para Raimundo. Cada
minuto era um século e uma dor.
Quando chegaram havia um grupo
de pessoas dentro e fora da casa.
As mulheres choravam e os homens
tinham o chapéu na mão. Raimundo
adivinhou tudo, saltou do carro e
abriu caminho entre as pessoas.
Chegou ao quarto dela e a viu sôbre
a cama. Estava como cera e com os
olhos entreabertos. Dura e silenciosa,
fitando o teto eternamente. Raimundo
caiu de joelhos e beijou a face do
cadaver. A mãe de Lucy esta abo-
bada num canto. De repente abriu
desmesuradamente os olhos e correu,
tremendo, para o rapaz de joelhos,
agarrou-o pelo pescoço.

— Assassino! Cachorro! Covarde!
Matou minha filha! Minha Lucy!
Criminoso descomungado!!!...

Raimundo não se defendia e olhava-a
sem expressão. A velha afrouxou
os dedos e caiu desmaiada. Raimun-
do saiu do quarto como sonâmbu-
lo. Atravessou vagarosamente as
pessoas que o fitavam com raiva
e espanto e saiu para o terreiro.
Alguém murmurou baixinho:

— Coitado está louco! Ficou louco
o assassino!...

. . . . . .

. . . . . .

IV

Ninguém viu Raimundo durante os
dias que se seguiram. Viram-no se-
guir para a cidade e desde então
nunca mais ~~viram~~ olhos o fitaram.
A velha ~~Quinca~~ Licínia não ~~voltou~~ mais
meias velhas. Sentava-se no ban-
quinho e ficava, como coruja, olhando
o Quinca. Este pitava o dia in-
teiro. Carlos ia sempre à cidade.
Licínia vivia quasi sempre dentro

de sua casa, recordando e chorando a morte da amiga. Falavam alguns que Raimundo tinha-se atirado de um desfiladeiro. Outros diziam que se afogara no "Paraíba."

Durante todo dia, a velha Luiza, olhando o marido, monologava incoerências. Um caboclo disse à mulher que ouvira "sia" Luiza, lá para às 4 horas, dizer para o Quinca com uma voz que era só tristeza e sofrimento:

— "Quinta, a "fia" "ta" demorando...
Quinca, Luca~~s~~ "tá" demorando...

— Fim —

Belo Horizonte, 18-11-942.

José Inaldo S. Pereira

O ano que se findou.

20.1.943.

Estou fechando êste caderno já no ano de 1943, que todos cognominaram o "Ano da Vitória". O ano de 1942 há 20 dias repousa nas regiões que ninguém conhece e que ninguém revive.

Sempre que um ano se finda uma interrogação paira no ar: "Como me decorreram os 365 dias dêste ~~ano~~ ano que se finda?"

Há, então, a reconstituição de tudo que se fêz, de que se realizou.

O ano anterior foi de grandes acontecimentos, os quais, precipitados em regiões longínquas, atingiram de perto nosso país. Em 1942 declarámos guerra aos que pu-

fam com tacapes e com flexas; ao
que têm os olhos hirtos e insensí-
veis à luz do sol e ao clarão
da lua; ao que marcham sôbre
sangue e sôbre ignominias.
Vertiginosa a projeção do Brasil
nos horizontes mundiais. Notáveis
as manifestações de patriotismo
e de compreensão cívica.

Chegou o ano da vitória. Sê-
lo-á realmente? No 1943 voltarão
as luzes a brilhar? Voltarão as
claridades e os perfumes primá-
veris? Voltarão os rubores feli-
zes das donzelas, e os sorrisos
envelhecidos e pálidos dos anciãos?
Haverá de novo, em 1943, a Paz
que é tão querida e tão almejada?
A resposta vem em quem tudo
faz e tudo termina: Deus.
Até à Paz, meu leitor!

José Geraldo Soares
Belo-Horizonte.

FIM DO

"1º caderno

de Academia."

(Minhas composições literárias)

o——o

Iniciado em 11-6-942
Findo em 20-1-942.

o——o

Este caderno tem sua continuação no "2º caderno de Academia", a ser iniciado brevemente.

José Geraldo S. Pereira
Belo-Horizonte
Minas

(Ébrio) Josefino de Carvalho

Ébrio! Levando aos lábios o teu calix
Repleto até ás bordas de cachaça,
Esperas esquecer todos teus máles,
Teus transes de tristeza e de desgraça.

Que esqueces, meu amigo, não me fales!
- A dor é sempre dor e nunca passa.
Dóe mais que nas vertigens tu te embalas
O fel se oculta mesmo em tua taça.

A dor é sempre dor... A desventura
O tédio, o desespero, a angustia louca
São essencia da propria criatura,

Tu bebes... mas tu bebes sempre em vão
Pois o alcool que sorves pela bocca
Não pode embebedar teu coração.

Poesia transcrita pelo autor, o jovem José Josefino de Carvalho, meu colega, no dia 7.5.943, na sala de aula da Faculdade de Direito, 2º ano pré-jurídico.